

TERMINOLOGIA GRAMATICAL LUSO-CASTELHANA DOS INÍCIOS:
DE ANTONIO DE NEBRIJA A JOÃO DE BARROS

THE GRAMMATICAL TERMINOLOGY OF THE PORTUGUESE AND
CASTILIAN LANGUAGES IN THEIR EARLY YEARS: FROM ANTONIO
DE NEBRIJA TO JOÃO DE BARROS

José Gómez Asencio
Universidade de Salamanca
gasencio@usal.es

Maria Filomena Gonçalves
Universidade de Évora¹
filomenagoncalves@sapo.pt

RESUMO:

Este artigo trata da terminologia gramatical de Antonio de Nebrija (1441?-1522) e João de Barros (1496?-1570), autores respectivamente da *Grammatica sobre la lengua castellana* (1492) e da *Grammatica da lingua portuguesa* (1540). O objectivo deste estudo é precisamente demonstrar a relação entre a doutrina e a “(meta)terminologia” destes dois gramáticos peninsulares, em cujas obras se detectam, a par de singularidades próprias de cada gramático, muitos pontos de convergência, quer no plano conceptual quer no plano estritamente terminológico. Dada a semelhança entre as duas línguas românicas – castelhano e português – a possível existência de um “fundo terminológico” partilhado é relevante para ambas as tradições metalinguísticas, tanto mais que muita dessa terminologia continua a ser usada nos nossos dias. Por último, importa averiguar onde, como e em que medida Nebrija terá funcionado como um modelo para João de Barros.

PALAVRAS-CHAVE: terminologia; gramática castelhana; gramática portuguesa; Nebrija; João de Barros.

ABSTRACT

This article focuses on the grammatical terminology of both Antonio de Nebrija (1441?

¹ CIDEHUS-UÉ/FCT, projeto UID/HIS/00057/2013

-1522) and João de Barros (1496? -1570), the authors of *Grammatica sobre la lengua castellana* (1492) and *Grammatica da lingua portuguesa* (1540), respectively. It aims at highlighting the relationship between the theoretical framework and the “meta-terminology” adopted by these two peninsular grammarians whose works underpinned the Spanish and the Portuguese grammar traditions, and which, alongside their uniqueness, are convergent of concepts and terminology. Given the similarity between the two Romance languages under analysis, the possible existence of a shared “terminological background” becomes relevant for both metalinguistic traditions, as much of that same terminology is still used today. Furthermore, it is important to determine how, where and to what extent Nebrija will have served as a model for João de Barros.

KEYWORDS: terminology; Spanish grammar; Portuguese grammar; Nebrija; João de Barros.

No quiero agora contar entre mis obras el arte de la grammatica que me mando hazer su alteza contraponiendo renglon por renglon el romance al latin: por que aquel fue trabajo de pocos dias: τ por que mas usé allí de oficio de interprete que de autor (NEBRIJA, 1495: f. ij^{vto}).

[...] as çiências requérem seus próprios termos por onde se [h]an de aprender, como as obras mecânicas instrumentos com que se fâzem, sem os quâes nenhũa destas se pôde entender nem acabár” (BARROS, 1540: p.294).

Introdução e propósito

É bem sabido que as primeiras codificações gramaticais sistemáticas ou “completas” da língua espanhola e portuguesa nos chegam, respectivamente, pela mão de Antonio de Nebrija (1441?-1522) e de João de Barros (1496?-1570). Às mãos e ao seu talento de ambos devemos igualmente – e em perfeita consonância com essas codificações gramaticais sistemáticas ou “completas”, e como não poderia ser de outra maneira – as primeiras terminologias gramaticais sistemáticas *em* espanhol e *em* português.

Trabalhou-se com o que, sendo um livro, na realidade são dois textos, de Antonio de Nebrija (AdN), e com um livro e um texto de João de Barros (JdB): a *Gramática sobre la lengua castellana* (Salamanca, 1492) e a *Grammatica da*

lingua portuguesa (Lisboa, 1540)².

O primeiro contém cinco livros, dos quais os quatro primeiros constituem uma gramática de nível bastante elevado, destinada a hispano-falantes adultos cultos, e o quinto, outra gramática, reduzida, elementar e com outra estrutura diferente, dirigida a aprendentes estrangeiros (GÓMEZ ASECIO, 2006). Logo, dois textos nebrissenses.

NEBRIJA		BARROS
GC-1492		GP-1540
<i>Libro V-GC=ILC</i>	<i>GC</i>	

O ponto de partida desde o qual se empreendeu este trabalho foram aqueles três textos; e o primeiro procedimento consistiu na extração dos termos que, nesses textos, nos pareceram ser – arrazoada e razoavelmente – *técnicos*³.

A oportunidade deste procedimento, nas perspectivas epistemológica e metodológica, está suficientemente acreditada, por exemplo, em Swiggers (2009: p.24); pretende-se aqui, ao mesmo tempo, uma “análise «monográfica» (também se poderia falar em «análise isotópica»): o tipo de análise que se focaliza na “terminologia [...] de um autor” ou de vários, uma “análise contrastiva/comparativa; o tipo de análise que consiste em confrontar e comparar a terminologia” de obras de vários autores, e, por conseguinte, uma síntese terminológica-terminográfica do estado da questão na transição entre o século XV e o XVI em duas línguas diferentes, irmãs e historicamente “confrontadas”.

A oportunidade deste procedimento, no que toca à *GC*, é mais que evidente: não é em vão que é, como já dissemos e é bem sabido, a primeira gramática de uma língua vernácula europeia, Nebrija é reconhecidamente um dos gramáticos mais importantes da tradição gramatical ocidental e “con diferencia, el autor de la tradición lingüística española al que se han dedicado más trabajos” (ESPARZA, 2006: p. 75)⁴.

² Nesta ocasião prescindimos do *Dialogo em louvor da nossa lingvagem* (mas também, por exemplo, do *Prólogo da GC* de AdN) que JdB acrescenta no final da sua *GP*. São textos bastante conhecidos e interessantes que, não obstante, escapam à rigidez dos esquemas gramaticográficos e do nosso foco atual.

³ Em boa medida, é o que fez Quijada (2009) com Charpentier.

⁴ Para quem precise de provas: a *Bibliografía nebricense* (374 páginas) de Esparza e Niederehe, de 1999, contém 761 registos de obras “de” Nebrija aparecidas entre 1481 e 1996, e 33 páginas de “Fuentes bibliográficas y estudios”. Muita água correu sob as pontes desde 1999, e a bibliografia “sobre” Nebrija não tem parado de crescer.

A oportunidade deste procedimento, no que toca à *GP* (BUESCU, 1978, 1983; SCHÄFER-PRIESS, 2000; GONÇALVES, 2007; LEITE, 2007;), tão-pouco requer especiais justificações: ressalvada a *Grammatica da lingoagem portuguesa* (Lisboa, 1536), que **não** é uma gramática – embora comporte partes dela –, de Fernão de Oliveira (OLIVEIRA, 2013), não é em vão que se trata da gramática *princeps* do português e, simplesmente por isso – ademais das suas qualidades intrínsecas –, tem direitos e merecimentos especiais.

Revisitar diariamente qualquer destes dois pioneiros – como amiúde fazemos muitos – é voltar a constatar a quase impossibilidade prática de sermos originais nos propósitos; caber-nos-á porventura a honra de sermos sistemáticos e pormenorizados no cotejo.

Trabalha-se aqui, com as devidas ressalvas, na linha em que Roldán (1994) trabalhou de modo específico com a metalinguagem retórica de Nebrija, a do metaplasmo/barbarismo e a das figuras de construção/solecismo, aspectos de que aqui não nos ocuparemos. Como tampouco nos detemos na terminologia/conceitos atinentes às partes da gramática que tratam dos aspectos fónicos, prosódicos, gráficos da língua (seja espanhola, seja portuguesa, seja em geral). E, com modéstia e reconhecidas limitações de antemão, atentaremos tão só no que agora mais ou menos se engloba sob as etiquetas de morfologia, morfosintaxe e sintaxe.

1. O que se encontrou nos textos analisados?

1.1. Em qualidade / Em termos de qualidade

Vejamos a tabela 1: o mesmo tipo de exame, idêntica modalidade de pesquisa levada a cabo pelas mesmas pessoas num espaço de tempo bem determinado e com os mesmos objetivos – isto é, sem viés desse ponto de vista – revela estes resultados:

NEBRIJA		BARROS
GC-1492		GP-1540
<i>Libro V-GC=ILC</i>	<i>GC</i>	
68	219	245

Tabela 1

Parece razoável que o mais elementar dos textos em extensão, conteúdo, objetivos e destinatários – as *ILC* – seja também o mais pobre do ponto de vista quantitativo adotado neste momento; aqueles 68 termos são na verdade 61 “conceitos” para alguns dos quais são propostas duplicações terminológicas decalque latino/criação românica, com clara preferência nebrissense pelo termo castelhano, apresentado em negrito⁵:

<i>nominativo/primero</i>	<i>genitivo/segundo</i>
<i>dativo/tercero</i>	<i>acusativo/cuarto</i>
<i>vocativo/quinto</i>	
<i>singular/número de uno</i>	<i>plural/número de muchos</i>

Parece razoável igualmente que as duas gramáticas propriamente ditas – ambas de forte enraizamento teórico e terminológico de origem latino; a de JdB, além disso, seguidora da de AdN – exibam um número de termos equilibrado (219 vs 245), com vantagem numérica (de 26 entradas) a favor da *GP* (por razões que trataremos de descobrir mais adiante).

A soma das entradas lexicais metalinguísticas encontradas nos dois textos castelhanos (*ILC+GC*) alcança as 226 unidades; as encontradas em JdB, 245: os termos técnicos dos princípios da gramaticografia luso-castelhana são os carreados pelos dois autores para os textos examinados, precisamente aqueles de que tratam os parágrafos subsequentes. Sobre essa soma far-se-ão alguns cálculos mais abaixo.

1.2. Em qualidade / A partir do modelo teórico-conceptual

Aqueles termos: (i) servem de transmissores de um modelo de representação da realidade linguística, modelo plasmado nas gramáticas examinadas; (ii) são a expressão verbal de um sistema epistemológico criado para dar conta do que acontece **em** e **com** duas línguas concretas e muito aparentadas; e (iii) não são peças soltas e desconjuntadas, desconexas, antes referindo um sistema teórico e conceptual, de natureza gramaticográfica, concebido por cada autor – com base num bom sustento tradicional – para explicar (“reduzir em artifício e razão”; “artefício de palavras postas em seus naturáes lugáres”) as línguas portuguesa e espanhola. As tabelas 3, 4, 5 e 6 foram elaboradas com a intenção de trazer à luz uma parte desse aparato teórico-conceptual na sua relação com

⁵ Em geral, e exceto quando for pertinente ou focal manter as grafias originais, as citações de Nebrija são adaptadas à ortografia espanhola atual.

a terminologia e servirão para revelar a ordenação interna e a (espectável) coerência deste universo – terminológico e sistemático – luso-castelhana e, a nós, para extrairmos algumas conclusões terminográficas a respeito dos princípios das tradições gramaticais portuguesa e espanhola.

Os termos foram distribuídos – em consonância com o próprio modelo teórico-conceitual ao qual servem de expressão verbal – em: (i) os que fazem referência a unidades do sistema, a *classes* (partes e subpartes da oração, classes e subclasses de palavras, categorias e subcategorias verbais), constituídas por conjuntos paradigmáticos de elementos concretos; (ii) aqueles que se referem a *traços*, isto é, a propriedades (“accidentes”) que se sobrepõem / acrescentam / amparam / afetam / caracterizam as classes; (iii) os que representam *relações*, funções entre classes ou entre traços, ou procedimentos linguísticos, heurísticos ou probatórios; (iv) os concebidos para apresentar o próprio modelo (SWIGGERS, 2009).

Em números redondos, as tabelas 3, 4, 5 e 6 refletem – sobre o total de termos de apontado acima para cada autor – as percentagens indicadas na tabela 2:

TERMOS REFERENTES A:	AdN	JdB
classes	41%	38%
Traços e propriedades	31%	38%
relações e funções	17%	15%
a <i>Gramática</i> e suas partes	11%	9%

Tabela 2

E impõem-se conclusões fáceis, e esperadas: (i) a terminologia específica da disciplina (por assim dizer, a “metaterminologia”) é escassa e, além disso, não especialmente relevante; (ii) o grande esforço terminológico de ambos os gramáticos recai no domínio categorial, na denominação de *unidades* gramaticais (72% do total em AdN, 76% em JdB), quer sejam classes ou conjuntos de elementos (41% em castelhano, 38% em português), quer sejam tipos de traços (31% em castelhano, 38% em português; a única diferença chamativa ou representativa); (iii) os termos destinados a dar conta das relações – ou funções – entre elementos não são desprezíveis, mas apenas atingem um sexto do total. A este respeito, até aqui notam-se fortes concomitâncias nas duas tradições e um núcleo terminológico luso-castelhana bem desenhado.

Contudo, isto corresponde ao expectável nesta fase da gramaticografia europeia em geral, quando o foco se situa fundamentalmente na dimensão categorial dos sistemas linguísticos, e muito menos na componente relacional entre as unidades detectadas; dito de outro modo, trata-se de um enfoque gramaticográfico mais orientado para a vertente paradigmática da língua do que para a sintagmática, ainda que esta não seja totalmente descuidada. Trata-se sobretudo de uma questão de proporções, que afeta o aspecto terminológico: daí – e na medida em que o aspecto terminológico é indício do conceptual ao mesmo tempo que o condiciona – essas percentagens autorizam-nos a fazer inferências de ordem conceptual e metodológica; em concreto: estamos perante gramáticas muito mais categoriais do que relacionais, e a terminologia usada tanto é testemunha como é causa disso.

1.2.1. Classes e unidades

TERMOS REFERENTES A CLASSES E UNIDADES		
NEBRJA		JOÃO DE BARROS
<i>ILC (Libro V-GC)</i>	<i>GC</i>	<i>GP</i>
Adjetivo	Adjetivo	Ajetivo
Adverbio	Adverbio	Avérbio
		Av. de acabár
	Adv. para afirmar	Av. de afirmár
	Adv. para ayuntar	Av. de ajuntár
	Adv. para demostrar	Av. de demostrár
	Adv. para disminuir	
	Adv. para apartar	Av. de apartar
	Adv. para dudar	Av. de duvidár
	Adv. para despertar	Av. de despertár
	Adv. para preguntar	Av. de preguntár
	Adv. para jurar	Av. de jurár
	Adv. de lugar	Av. de lugar
	Adv. para negar	Av. de negar
	Adv. para desear	Av. de desejár
	Adv. para ordenar	Av. de ordenár
	Adv. para calidad	Av. de calidáde
	Adv. para cantidad	Av. de cantidade

TERMOS REFERENTES A CLASSES E UNIDADES		
NEBRIJA		JOÃO DE BARROS
<i>ILC (Libro V-GC)</i>	<i>GC</i>	<i>GP</i>
	Adv. para semejar	Av. de comparár
	Adv. de tiempo	Av. de tempo
	Adv. para llamar	Av. de chamar
	Adverbios por lugar	
	Adverbios a lugar	
	Adverbios en lugar	
	Adverbios de lugar	
	Artejo	(Artelho)
Artículo	Artículo	Artigo
	Cláusula	Cláusula
Conjunción	Conjunción	Conjunçám
	Conj. para dar causa	
	Conj. para concluir	
	Conj. para continuar Conj. continuativa	
	Conj. para ayuntar palabras y sentencias	Conjunçám copulativa
	Conj. para ayuntar las palabras y desayuntar las sentencias	Conjunçám disjuntiva (Disjunçám)
	Dicción	Diçám
	Palabra	Palávra
Gerundio	Gerundio	
	Gerundio sustantivo	
	Interjección	Interjeiçám
	Letra	Lêtera
Nombre	Nombre	Nome
	Nombre adverbial	Nome avèrbial
	Nombre apelativo	
	Nombre aumentativo	Nome aumentativo
	Nombre común	Nome comum
	Nombre comparativo (<i>más</i>)	Nome comparativo (<i>máis</i>)
	Nombre compuesto	Nome composto
	Nombre denominativo	Nome denominativo

TERMOS REFERENTES A CLASSES E UNIDADES		
NEBRUJA		JOÃO DE BARROS
<i>ILC (Libro V-GC)</i>	<i>GC</i>	<i>GP</i>
	Nombre derivado	Nome derivado
	Nombre diminutivo	Nome diminutivo
Nombre infinito		
	Nombre participial	Nome participiál
Nombre participial infinito Nombre infinito	Nombre participial infinito	
	Nombre patronímico	Nome patronímico
	Nombre positivo	Nome positivo
	Nombre posesivo	Nome possessivo
	Nombre primogénito	
		Nome primitivo ou primeiro
	Nombre propio	Nome próprio
		Nome relativo
		Nome relativo interrogativo
	Nombre sencillo	Nome simple
	Nombre sustantivo	Nome sustantivo
	Superlativo (<i>muḡ</i>)	Superlativo (<i>mui, muito</i>)
	Nombre verbal	Nome verbál
	Nombre gentil	Nome gentílico
Oración	Oración	Òraçám
Palabra	Palabra	Palávra
Parte de la oración	Parte de la oración	Párte da òraçám
	Partezilla	
Participio	Participio	Partiçípio
Preposición	Preposición	Preposiçám
Primera posición del nombre (nominativo)		
Primera posición del verbo (1ª pers. sing. pres. ind.)		Primeira posiçám do vérbo (infinitivo)
Pronombre	Pronombre	Pronome
	Pron. demostrativo	Pron. demonstrativo
		Pron. possessivo
	Pron. relativo	Pron. relativo
Relativo	Relativo	Relativo

TERMOS REFERENTES A CLASSES E UNIDADES		
NEBRIJA		JOÃO DE BARROS
<i>ILC (Libro V-GC)</i>	<i>GC</i>	<i>GP</i>
Relativo de accidente	Relativo de accidente	Relativo de acidente
	Relativo de calidad	Relativo de calidade
	Relativo de cantidad continua	Relativo de quantidade contínua
	Relativo de cantidad discreta	Relativo de quantidade apartada
	Relativo de sustancia	Relativos de sustância
		Segunda posiçám do vérbo (primeiro presente do número singular do módo demonstrador)
	Sentencia	Sentença
	Sílaba	Sílaba
Verbo	Verbo	Verbo
	Verbo absoluto	
	Verbo activo	Vérbo autivo
	Verbo adverbial	Vérbo avèrbial
		Vérbo ajetivo
	Verbo aumentativo	Vérbo aumentativo
		Vérbo comum [en lat., no en port.]
	Verbo denominativo	Vérbo denominativo
	Verbo derivado	Vérbo dirivado
		Vérbo depoente [en lat., no en port.]
	Verbo diminutivo	Vérbo diminutivo
	Verbo impersonal	Vérbo impessoál
		Vérbo impessoál da vóz activa [<i>convém, aconteçe</i>]
		Vérbo impessoál da vóz passiva
		Vérbo irregular
		Vérbo neutro
		Vérbo neutro ausoluto

TERMOS REFERENTES A CLASSES E UNIDADES		
NEBRJJA		JOÃO DE BARROS
<i>ILC (Libro V-GC)</i>	<i>GC</i>	<i>GP</i>
		Vérbo passivo [en lat., no en port.]
	Verbo personal	Verbo pessoál
	Verbo principal	
Verbo regular	Verbo regular	
		Vérbo sustantivo
	Verbo transitivo	Vérbo transitivo

Tabela 3

Comentários:

1.º Os termos que designam as unidades linguísticas fundamentais (por ordem de “grandeza” ascendente) com as quais se opera nos textos do corpus são os seguintes:

<i>letra</i>	<i>sílaba</i>	<i>dicción/palabra/parte de la oración</i>	<i>cláusula</i>
		<i>oración/sentencia</i>	
<i>lêtera</i>	<i>sílaba</i>	<i>diçám/palávra/párte da oraçám</i>	<i>cláusula</i>
		<i>oraçám/sentença</i>	

2.º Propõem-se conjuntamente termos para oito partes da oração ou classes de palavras:

JdB	AdN
<i>Nome</i>	<i>Nombre</i>
<i>Vérbo</i>	<i>Verbo</i>
<i>Pronome</i>	<i>Pronombre</i>
<i>Avérbio</i>	<i>Adverbio</i>
<i>Participio</i>	<i>Participio</i>
<i>Artigo</i>	<i>Artículo</i>
<i>Conjunçám</i>	<i>Conjunción</i>
<i>Preposiçám</i>	<i>Preposición</i>

AdN, pelo seu lado, eleva a lista até dez com: *nombre participial infinito* e com *gerundio*. E JdB, até nove, com a *interjeiçám*⁶.

⁶ *Gerúndio* é termo que também se encontra em JdB, tal como *interjección* em AdN, mas não com o estatuto de parte da oração.

3.º Manejamos numerosos termos, mais ou menos complexos e mais ou menos especializados, para as subclasses de palavras. Em geral, o esforço menor, se existe, foi feito nas *ILC*, e o maior, nas gramáticas grandes. Veja-se o quadro a seguir:

SUBCLASSES DE	<i>ILC</i>	<i>GC</i>	<i>GP</i>
Adverbios	0	22	18
Conjunciones	0	5	3
Nombres	1	20	20
Pronombres	0	2	3
(Relativos)	1	5	5
Verbos	1	12	19

Alguns termos são exclusivos de JdB (*avérbio de acabár* [em *conclusám*, *finalmente*], *disjunçám* [para a conjunção disjuntiva], *nome relativo interrogativo*, *vérbio ajetivo*), mas em geral os termos do viseense são idênticos aos do nebrissense, se é que não foram diretamente tomados deste.

4.º Boa parte da terminologia luso-castelhana provém diretamente da terminologia latina, como mero decalque, o que, em boa verdade, constitui simultaneamente um cultismo e um latinismo, um neologismo e um tecnicismo; mas nem toda. Neste sentido, importa observar que os adjetivos (latinos) que designam as subclasses de palavras em latim são transferidas como adjetivos: (i) sempre, quando se trata de um nome (*positivo*, *verbál*, *próprio*, etc.) ou de um verbo (*transitivo*, *peçoál*, *autivo*, etc.); (ii) nunca, no caso do advérbio, daí que em geral se opte por uma fórmula românica introduzida por uma preposição: *para*⁷, no caso de AdN, e *de*, no caso de JdB; a referida preposição é normalmente seguida de infinitivo: *para desear*, *para disminuir*; *de duvidár*, *de chamár*, etc., ou, muito menos frequentemente, de substantivo: *para calidad/de calidáde*, *para cantidad/de cantidáde*; entendemos que se procede deste modo com a intenção didática de manifestar com clareza o significado específico e a contribuição discursiva ou semântica de cada subclasse; (iii) nunca, no caso da conjunção na *GC*, na qual se opta igualmente pela fórmula com *para* –*R* (*para dar causa*)⁸; e sempre na *GP*, na qual JdB prefere os adjetivos latinos *copulativa*, *disjuntiva*.

⁷ Com estas exceções, onde se prefere a preposição *de*: advérbios *de lugar*, advérbios *de tiempo*.

⁸ Com a única exceção de *continuativa* que, em pares se apresenta junto com *para continuar*.

5.º As grandes criações terminológicas românicas neste capítulo afloram, por um lado, na *GC*, onde aparecem representadas por *artejo*, proposto como adaptação ao castelhano ou, melhor dito, como explicação do termo técnico (*artículo*), e por *partecilla*, expressão totalmente nova, sem paralelo em latim; e, por outro lado, na *GP*, onde encontramos *artigo* (junto com *artelho*) e *disjunçám*, esta como proposta alternativa às conjunções disjuntivas⁹.

1.2.2. Traços e propriedades

TERMOS REFERENTES A TRAÇOS E PROPRIEDADES		
NEBRIJA		JOÃO DE BARROS
<i>ILC (Libro V-GC)</i>	<i>GC</i>	<i>GP</i>
	Accidente	Açidente
	Antecedente	Anteçedente
	Calidad	Calidáde
Caso	Caso	Cáso
—	“sexto y séptimo caso no tiene nuestra lengua”	
		Ablativo – Sexto cáso
Acusativo – cuarto	Acusativo (cuarto)	Acusativo – Quarto cáso
Dativo – tercero	Dativo (tercero)	Dativo – Terceiro cáso
		Efectivo – Seitimo cáso
Genitivo– segundo	Genitivo (segundo)	Genitivo – Segundo cáso
Nomin.– primero	Nominativo (primero)	Nominativo – Primeiro cáso
Vocativo – quinto	Vocativo	Vocativo – Quinto cáso
	Declinación por casos Caso con declinación	Declinaçám per cásos
Conjugación	Conjugación	Conjugaçám
Conjugacion regular		
Declinación	Declinación	Declinaçám
		Declinaçám possessiva
	Especie	Espéçia
	Especie primogénita	Espéçia primitiva
	Especie derivada	Espéçia dirivada – dirivativa

⁹ “A quá, máis própriamente, se déve chamár *disjunçám* que *conjunçám*, porque divide as pártes” (*GP*: p.355).

TERMOS REFERENTES A TRAÇOS E PROPRIEDADES		
NEBRIJA		JOÃO DE BARROS
<i>ILC (Libro V-GC)</i>	<i>GC</i>	<i>GP</i>
	Figura	Figura
	Figura compuesta	Figura compósta
	Figura sencilla –simple	Figura simples
		Figura dobráda [prep.]
		Figura singéla [prep.]
Género	Género	Género
	G. común de dos	G. comum a/de dous
Común de tres (géneros)	G. común de tres	G. comum a três
	G. dudoso	G. duvidoso
	G. femenino	G. feminino
	G. masculino	G. masculino
G. neutro	G. neutro	G. neutro
	G. mezclado	G. confuso
Gerundio	Gerundio	Gerúndio
	Gerundio sustantivo	
Imperativo	Imperativo	Imperativo–mandador–segundo
Indicativo	Indicativo	Indicativo–demostrador–primeiro
Infinitivo	Infinitivo	Infinitivo – nam acabádo–quinto
		Infinito (<i>amar</i>)
	Manera de significar	
Modo	Modo	Módo
		Módo autivo
		Módo passivo
		Módo d’ajuntár–pera ajuntár
		Módo infinito
		Módo pera demostrár
		Módo pera desejár
		Módo pera mandár
Número	Número	Numero

TERMOS REFERENTES A TRAÇOS E PROPRIEDADES		
NEBRJJA		JOÃO DE BARROS
<i>ILC (Libro V-GC)</i>	<i>GC</i>	<i>GP</i>
Optativo	Optativo	Outativo – deseizador – terceiro
	Orden	Órdem
Participio	Participio	Partiçipio
Participio del tiempo venidero	Participios del futuro	
Participio del presente	Participio del presente	
Participio del tiempo pasado	Participio del tiempo pasado	Partiçipio do tempo passado
		Partiçipio do pretérito
Pasado no acabado	Pasado no acabado	Passádo por acabár Passádo nam acabádo (<i>amava</i>)
Pasado acabado	Pasado acabado	Passádo acabádo (<i>amei</i>)
Pasado más que acabado	Pasado más que acabado	Passádo máis que acabádo
Persona	Persona	Pessoa
Plural– número de muchos	Plural	Plurár – número de muitos
Presente	Presente	Presente
		Pretérito perfeito (<i>amei</i>)
		Pretérito (<i>amei</i>)
Primera	Primera	Primeira
Segunda	Segunda	Segunda
	Significación	Sinificaçám
	Sign. activa	
	Sign. pasiva	
	Las significaciones de los adv. son diversas	Sinificações dos avérbios
	Las significaciones de la conjunción son diversas	
Singular – número de uno	Singular	Singulár – número de um
Subjuntivo	Subjuntivo	Sujuntivo – ajuntador – quáрто
Tiempo	Tiempo	Tempo
	Terminación	Terminaçám
Tercera	Tercera	Terçeira
Venidero	Futuro	Futuro

TERMOS REFERENTES A TRAÇOS E PROPRIEDADES		
NEBRIJA		JOÃO DE BARROS
<i>ILC (Libro V-GC)</i>	<i>GC</i>	<i>GP</i>
Venidero	Venidero	Vindoiro – Vindouro
	Voz	Vóz
		Vóz autiva
		Vóz passiva
	Voz indeterminada	

Tabela 4

Comentários:

1.º Tudo isto tem a ver com características ou atributos que afetam ou dizem respeito às classes; são aqui recolhidos os tradicionalmente conhecidos e chamados – pelos próprios autores – *accidentes/açidentes* (formais em geral, mas semânticos por vezes: *cf.* o acidente *sinificaçám/significación*) dos tipos de palavras. Estes termos caberiam – e os seus conceitos correspondentes – nas atuais *Morfologia* e *Morfossintaxe*, e isto ainda na ausência de uma separação teórica ou descritiva entre o que só muito mais tarde seria considerado *flexão* vs *derivação* vs *composição*: estes três fenómenos entram indistintamente sob a etiqueta *accidentes*.

2.º Há termos específicos – por sinal, todos latinos – para doze acidentes: estão no quadro abaixo junto com a sua incidência (apenas a explicitamente declarada pelos dois gramáticos) no conjunto das classes de palavras categorizadas por cada autor, para o português ou para o castelhano:

ACIDENTES	ADV	ART	CONJ ⁹	GER	INT	N	N.P.I.	PART ¹⁰	PREP	PRON	V
<i>Caso/Declinación</i> <i>Cáso/Declinaçám</i>		*				*	no	*	*	*	
								n/a			
<i>Conjugación</i> <i>Conjugaçám</i>											*
<i>Calidad</i> <i>Calidáde</i>						*					
<i>Especie</i> <i>Espêcia</i>	*					*				*	*
<i>Figura</i>	*		*			*		*	*	*	*
			n/a					n/a			
<i>Género</i>		*				*	no	*		*	*
								n/a			
<i>Modo</i> <i>Módo</i>											*
<i>Número</i>		*				*	no	*		*	*
								n/a			
<i>Orden</i> <i>n/a</i> ¹¹			*						*		
			n/a						n/a		
<i>Persona</i> <i>Pessoa</i>							no			*	*
<i>Significación</i> <i>Sinificaçám</i>	*		*					*			
			n/a					n/a			
<i>Tiempo</i> <i>Tempo</i>							no	*			*
								n/a			

Ali poder-se-á ler: (i) só para o gerúndio (AdN) e a interjeição (JdB) não se indica qualquer acidente; (ii) só o verbo tem *conjugación/conjugaçám* ou *modo/módo*; (iii) só o nome tem qualidade; (iv) só o verbo e o pronome têm *persona/pessoa*; (v) a *figura* é o acidente mais comum: aparece em sete classes; etc. Não é preciso chamar a atenção para as fortes concomitâncias entre os dois gramáticos, seja no estritamente terminológico, seja no resto.

¹⁰ Não existe informação a este respeito: JdB considera-a uma parte da oração, mas não lhe dedica um capítulo independente em que trate dela, da sua definição, dos seus traços, etc.

¹¹ Não existe informação a este respeito: JdB considera-a uma parte da oração, mas não lhe dedica um capítulo independente em que trate dela, da sua definição, dos seus traços, etc. Apenas trata dele como forma do verbo, não como uma das nove partes da oração.

¹² Não é propriamente um acidente em JdB.

3.º Acidente *caso/cáso*: existem dez nomes para cinco casos na obra de AdN: este prefere o termo mais românico, mais adaptado aos leitores *primero, segundo, tercero...* nas *ILC*, e o termo mais legítimo *nominativo, genitivo, dativo...*, na *GC*. JdB usa ambas as etiquetas e mantém vivos os nomes dos sete casos latinos (isto é, inclui o *efectivo* ou *seitimo*, o instrumental) com certa preferência para os termos técnicos latinos.

Por sua vez, os termos *primera, segunda, tercera* servem: (i) em AdN para as “tres formas de declinação” do castelhano (*GC*: p.231, *ILC*: p.315), língua em que se configuram não à maneira latina, segundo a forma do genitivo singular, mas deste outro modo: 1ª: singular em *-a*/plural em *-as*; 2ª: singular em *-o*/plural em *-os*; 3ª: singular em *-d, -e, -i, -l, -n, -r, -s, -x, -z*/plural em *-es*; (ii) nisto toma JdB as suas próprias decisões e distingue duas: *primeira declinaçám* (nomes acabados em vogal) e *segunda declinaçám* (nomes acabados em consoante):

Toda a nóssa variaçám é de singulár a plurár. Os Latinos tem çinco declinações, os Gregos tem outras çinco simples [...]. Os Hebreus tem duas, ùa dos nomes masculinos e outra dos femininos. A nóssa linguágem declina-se em outras duas: a ùa podemos chamár vogál por ser dos nomes que acábam nas vogáes; e a outra consoante, por acabarem os nomes que per ela declinamos nestas çinco consoantes: *l, m, r, s, z* (JdB, 1540: p.314-315).

Isto é: não segue exatamente nem a tradição latina nem Nebrija, e adapta a teoria à língua que procura codificar.

4.º Acidente *calidad* | *calidáde*: é exclusivo do nome. Não se menciona nas *ILC*; nem a *GC* (p.201-211) nem a *GP* (p. 299-301) se caracterizam precisamente pela precisão nisto; o termo aplica-se a:

aquilo em que o nome próprio se distingue do comum
ũa diferença pela qual conhecemos um nome do outro (o próprio do comum)

aquilo em que o adjetivo se distingue do substantivo
a distinçám per que apartamos o sustantivo do ajetivo

aquilo em que o relativo se distingue do antecedente
aquilo per que o relativo se apárta do antecedenente

5.º Acidente *figura*: ambos os gramáticos o atribuem ao advérbio, nome, preposição, pronome e verbo. Em geral, são duas as figuras dessas partes da oração: *sencilla*–*simple*, *compuesta* (*GC*)| *simples*, *compósta* (*GP*); mas, em concreto, ao tratar especificamente da preposição, JdB não utiliza esses termos, mas antes estes: *singéla*, *dobrada* (*çerca* vs *àcerca* “que já tem máis eficácia” (*GP*: p.347). Atrevemo-nos a sugerir um motivo para este particular procedimento: entendemos que se refere a que as preposições – contrariamente às outras classes de palavras – se compõem precisamente de preposições: “se compõem ãas com outras” (*GP*: p.348), por isso se “dobram”: *cerca* é preposição *singéla* e *a+cerca* (prep.-prep.) é *dobrada*.

6.º Acidente *género* no nome: opta-se por decalcar os termos latinos salvo em dois casos em que ambos os autores apostam por termos românicos “novos”: *dudoso/duvidoso* ‘ambiguo’ (*el/la color*) e *mezclado/confuso* ‘epiceno’ (*el ratón*)¹³.

7.º Acidente *modo* | *módo*: AdN na *GC* respeita escrupulosamente a terminologia latina original, os cinco modos com os nomes hoje generalizados. JdB, pelo contrário, é bem pródigo: chega a oferecer quatro termos por modo, algo certamente inusitado:

primeiro	indicativo	que quér dizer	demonstrador	Módo pera demostrár
segundo	imperativo		mandador	Módo pera mandár
terceiro	outativo		desejador	Módo pera desejár
quárto	sujuntivo		ajuntador	Módo pera–d’ajuntár
quinto	infinitivo		nam acabádo	Módo infinito

Na sua exposição inicial (*GP*: p.330), JdB declara-se conservador e latinizante: “Sam os módos àcerca de nós çinquo, como tem os Latinos, portanto, seguiremos *a sua ordem e termos*” [o itálico é nosso]: dá em primeiro lugar o termo numérico (*terceiro*), depois o adjetivo latino (*outativo*) e, em seguida, acrescenta: “que quér dizer” *desejador*, sendo este último uma tradução-adaptação do termo técnico latino à linguagem românica corrente, cujo propósito didático parece indubitável. Isto em certo ponto; depois, quando retoma o assunto ao tratar das conjugações, chama os modos de outra maneira, não coincidente com nenhuma das anteriores e que, além disso, é a mais frequentemente usada

¹³ Não encontramos exemplos em JdB.

ao longo do texto. Contudo, não deixa de ser sugestivo que AdB, nas suas *Introducciones latinas contrapuesto el romance al latín* (c.1488), tenha proposto pares muito semelhantes aos que são exibidos no texto de JdB:

AdN (<i>Introducciones... c. 1488</i>)	JdB (<i>GP</i>)	
Por manera de mostrar	indicativo	Módo pera demostrár
Por manera de mandar	imperativo	Módo pera mandar
Por manera de desear	outativo	Módo pera desejár
Por manera de ayuntar	sujuntivo	Módo pera–d’ajuntár
Por manera infinita	infinitivo	Módo infinito

E impõe-se uma destas três conclusões: ou os dois gramáticos conceberam soluções idênticas individualmente, ou ambos beberam numa mesma fonte que foi ocultada, ou JdB conhecia não só a *GC* de Nebrija – coisa sabida e demonstrada – mas também a outra obra “menor” e cronologicamente anterior e preparatória da *GC* de 1492.

8.º Acidente *número*: para este, o mais elementar e propedêutico dos textos, as *ILC*, propõe pares, com clara preferência pelo termo românico: ***número de uno/singular; número de muchos/plural***; a *GC* só apresenta os termos hoje usados; e a *GP* volta a oferecer ambas as etiquetas com preferência pelos termos que continuam vivos. Supomos que JdB leu ambos os textos nebrissenses e se serviu de um e de outro conforme a sua convêniência (talvez pedagógica).

9.º Acidente *significación* | *sinifcaçám*: em AdN diz respeito a três classes de palavras; ao aplicá-lo ao advérbio ou à conjunção permite estabelecer subclasses semânticas de cada uma delas (*supra* 2.2.1 comentários 3º e 4º, e tabela 3); ao fazê-lo com o participio permite separar os de significação ativa (*amante, sirviente, corriente*) dos verbos de significação passiva (*amado*). Em JdB só se aplica ao *avérbio* (e não existe informação para a conjunção ou o participio) (*supra* 2.2.2 comentário 2º).

10.º Acidente *tiempo* | *tempo*: os pares terminológicos mantêm-se nas já citadas *Introducciones latinas contrapuesto el romance al latín* (c. 1488) de AdN (*pretérito imperfecto/pasado & no acabado; pretérito perfecto/pasado & acabado; pretérito pluscuamperfecto/pasado & más que acabado; futuro/venidero*), mas, tanto na *GC* como nas *ILC*, Nebrija decide-se unicamente pela fórmula românica, sem latinismos, por “vocablos castellanos, asequibles

a todos y, además, semánticamente motivados” (BUSTOS 1983: p. 210), por uma transparência terminológica que facilite “la comprensión de las nociones teóricas” (RIDRUEJO, 2006: p.110): *pasado acabado, pasado no acabado, pasado más que acabado, venidero*¹⁴.

O esforço de JdB é também louvável neste aspecto, pois oferece fórmulas em português que permitem ao leitor entender os conceitos com maior facilidade, dominar o *artefício*, ainda que não chegue a ser sistemático nem renuncie por completo às propostas latinizantes (observe-se como persistem *pretérito perfeito* e *pretérito*):

AdN (GC)	JdB (GP)
Presente	Presente
Pasado no acabado	Passádo por acabár Passádo nam acabádo (<i>amava</i>)
Pasado acabado	Passádo acabádo (<i>amei</i>)
	Pretérito perfeito (<i>amei</i>)
	Pretérito (<i>amei</i>)
Pasado más que acabado	Passádo máis que acabádo
Futuro	Futuro
Venidero	Vindoiro – Vindouro

1.2.3. Relações e funções

TERMOS REFERENTES A RELAÇÕES E FUNÇÕES		
NEBRJA		JOÃO DE BARROS
<i>ILC (Libro V-GC)</i>	<i>GC</i>	<i>GP</i>
	Antecedente	Antecedente
	Anteponer	Antepõer
	Ayuntamiento (por)	Ajuntamento (per)
	Ayuntar	Ajuntár
		Circunlóquio
	Circunloquio del verbo	
	Composición (por)	Composiçám (per)
	Concertar	
	Concierto	

¹⁴ Apenas para este apresenta, também, o latinismo *futuro*, igualmente em JdB.

TERMOS REFERENTES A RELAÇÕES E FUNÇÕES		
NEBRIJA		JOÃO DE BARROS
<i>ILC (Libro V-GC)</i>	<i>GC</i>	<i>GP</i>
		Concordância
	Concordar	
	Concordia	
		Conjugár [el verbo]
	Construcción	Construçám
	Construir	Construir
		Conveniência [antre pártes]
		Converter [a módo passivo]
		Convir ‘concordar’
		Correspondér ‘concordar’
Declinar	Declinar	Declinár [el nombre]
	Demandar	
	Derivación	
	Derivar	Derivár
	Determinar	
		Eficácia
		Formaçám
		Formaçám dos nomes
Formación del verbo		Formaçám dos vérbos
	Formar	Formár
	Hemencia – emphasi	Vehêmença–enfasim–eficácia
	Hinche o mengua o muda (la significación del verbo)	Acreçenta, deminue e totalmente destruye a obra do vérbos
	Juntar	
	Orden	Órdem
		Órdem da construiçám
		Órdem natural da construiçám
	Ordenar	Ordenár
	Ponerse en lugar de	Põerse en lugar de
	Preponer	
	Posponer	Pospõer

TERMOS REFERENTES A RELAÇÕES E FUNÇÕES		
NEBRIJA		JOÃO DE BARROS
<i>ILC (Libro V-GC)</i>	<i>GC</i>	<i>GP</i>
Primera posición del nombre: nominativo		
Primera posición del verbo: 1ª pers. sing. pres. ind.		Primeira posiçám do vérbo (infinitivo)
	Principal	
Proporción	Proporción	
		Querer
	Reciprocación	Reçiprocar
		Regimento
	Regir	Reger
	Retorno	
Rodeo (por)	Rodeo (por)	Rodeo (per)
		Segunda posiçám do vérbo (primeiro presente do número singular do módo demonstrador)
	Suplir	Soprir
		Suprimento
Sustantivado	Sustantivado	

Tabela 5

Comentários:

1.º Já se disse (*supra* 2.2.) que nos textos do corpus também se opera – embora em muito menor grau do que até este ponto – com termos técnicos (ou *tecnicizados*, isto é, palavras da língua comum convertidas em tecnicismos ou empregadas como tais) que servem para manifestar relações, funções, processos ou procedimentos entre elementos categoriais (sejam classes, sejam traços).

2.º Para referir relações, sejam sintáticas, sejam sintático-semânticas entre elementos (geralmente palavras, tendo em conta o tipo de sintaxe perante o qual estamos), ativam-se os termos seguintes:

- (i) *reciprocación* | *reçiprocár*: o primeiro é usado duas vezes na *GC* (p. 249 e p. 281)¹⁵; o segundo, uma na *GP* (p.327). Sempre serve para o mesmo: para explicar como o verbo impessoal latino "da vóz passiva" (*curritur*; *currebatur*) se substitui em português e em castelhano por *SE* e as terceiras pessoas do singular
"haciendo en ellas reciprocación y retorno con este pronombre *se*" (*córrese*, *corriase*).
"e este pronome da terceira pessoa, *se*, e, *reçiprocando*, dizemos: *No páço se pragueja fôrtemente*"
- (ii) *retorno*: muito próximo, se não idêntico ao anterior; é exclusivo da *GC*; aplica-se às construções pronominais: formas *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, *se* com verbos, em algum dos seus valores.¹⁶
- (iii) "*hinche o muda o mengua la significación del verbo*"
"*acreçenta, deminui e totalmente destrui e obra do vérbo*"
É a ação ou o trabalho do advérbio. Os dois gramáticos apresentam o mesmo procedimento formal, mas a incidência semântica do advérbio sobre o verbo difere num e noutro.
- (iv) *concierto*, *concordia* | *concertar*; *concordar* (*GC*)
concordância, *conveniência* [antre partes] | *convir*, *correspondér* (*GP*)
São os termos usados, indiscriminadamente, para dar conta dos fenómenos de concordância (de adjetivo com substantivo, de relativo com antecedente, de nominativo com verbo). Salvo erro, AdN não emprega o termo *concordancia* nem na *GC* nem nas *Introducciones*..., mas nestas, sim, usa *conuenire/convenir*, como JdB na sua *GP*: outra coincidência entre o autor de Viseu (*convir*) e o texto de Nebrija (*convenir*)?
- (v) *ayuntar*, *ordenar*, *juntar*, *construir* (*GC*) | *ajuntár*, *ordenár*, *construir* (*GP*)
"*subiungere es ayuntar*" (*GC*)
Recolhem um amplo leque de relações ou de combinatórias sintáticas, cuja especificação e definição não vem a propósito neste momento.
Ayuntar/ajuntár, em qualquer caso, parecem, nas respetivas línguas, termos genéricos para praticamente qualquer combinação de [duas] palavras seguidas, uma após a outra em determinadas condições; *construir* e *ordenar* andam muito próximas delas nestes textos.

¹⁵ "No se trata de una de las muchas castellanizaciones que acuña Nebrija y que tan poco éxito tuvieron ("rodeo", "partecilla"), sino del calco de un término latino ya empleado en la gramática anterior": *reciprocatio* (ESPARZA e CALVO, 2008: p.69).

¹⁶ Tanto quanto podemos alcançar, este, sim, é termo criado em castelhano por Nebrija.

(vi) *regir; demandar (GC) | regimento¹⁷, reger, querer (GP)*

Aplicam-se a combinações de palavras em que um primeiro elemento reclama outro posterior:

Todos os nomes substantivos “pueden regir genitivo”: *el siervo de Dios (GC: p. 283)*

“Otros verbos, allende del acusativo, demandan genitivo”: *Hincho la casa de vino, Vacío la panera de trigo (GC: p.279)*

“Os [vérbos] que régem genitivo ou ablativo depois do acusativo sam todolos que sinificam encher ou vazár algũa cousa”: *Eu enchi a cása de trigo e vazei a bolsa de dinheiro (GP: p.353).*

(vii) *anteponer–preponer, posponer (GC) | antepõer, pospõer (GP)*

3º Para referir procedimentos, sejam linguísticos, sejam heurísticos ou probatórios:

(i) são manifestamente categorizadas e usadas estas fórmulas, todas elas construídas sobre o mesmo modelo formal, todas elas introduzidas pelas preposições *por/per*; claramente constituem uma série terminológica com a qual se procura denominar operações produtivas na língua:

por ayuntamiento | per ajuntamento

por composición | per composiçám

por derivación (GC) | Ø

por rodeo | per rodeo

As duas primeiras são usadas para descrever a união entre duas palavras que conservam a sua identidade de palavras livres, concretamente no caso das preposições “separadas”, quer dizer, as preposições, sem mais: *yo voy a casa/eu vou à escola* (face aos prefixos, que aqui seriam preposições “per composiçám”: *yo apruebo tus obras/eu apróvo tua dotrina*).

A terceira é exclusiva de AdN; aplica-se aos procedimentos de derivação a partir de nombre e verbo.

Retomar-se-á a quarta mais abaixo.

(ii) *ponerse en lugar de (GC) | põerse em lugar de (GP)*

Procedimento substitutivo empregado na definição da categoria *pronombre*, mas também em vários outros lugares de ambas as gramáticas.

(iii) *(conjugár), declinar (GC) | conjugár, declinár (GP)*

Se *conjugación* é usado profusamente na *GC*, quase não se encontra um caso do verbo *conjugár*; ao contrário da *GP*, onde pudemos contar pelo

¹⁷ Para *régimen*, não encontramos termo específico em AdN.

menos nove ocorrências nas quais JdB trata do processo na flexão verbal ou o instrumentaliza para a explicação de outros assuntos.

Isso por um lado; por outro, num dos seus sentidos, *declinación* é em AdN qualquer variação flexiva dos nomes e dos verbos; desinências, portanto, causais, modais ou temporais, segundo a raiz nominal ou verbal; com isto é coerente que tanto o nome como o verbo *se declinen*. JdB não aceita esse ponto de vista e mostra-se inflexível – e, talvez autoafirmando-se, como antinebrisense – a este respeito:

Em declinár um [nome] e conjugár o outro [vérbu], está o máis sustançial e dificultoso de toda a Gramática (GP: p.314).

[O verbo] nam se declina, como ó nome e pronome, per cásos, mas conjuga-se per módos e tempos (GP: p.325).

(iv) *circunloquios del verbo* (GC) | *cincunlóquio* (GP)

Por parte de AdN assim são consideradas estas formações, entre outras: *se* pessoal ou passivo, passiva perifrástica com *ser* participio em –DO, formas compostas do verbo com *haber* e participio em –DO, algumas das quais são igualmente ou estão muito próximas de ser “por rodeo” (Tollis 1998 [1984]).

Para JdB *circunlóquio* e *rodeo* são simplesmente sinónimos (tratar-se-á esta questão mais abaixo, em 4.4.2.): “circunlóquio, a que podemos chamar rodeo” (GP: p.332).

(v) *converter* (GP)

Aplica-se à operação de transformar a ativa em passiva e viceversa: “Vérbo autivo é aquele que se póde converter ao módo passivo” (p.325)¹⁸.

(vi) *primera posición del nombre* (nominativo [singular])

primera posición del verbo (primeira pessoa singular presente indicativo) (ILC)

primeira posiçám do vérbo (infinitivo)

segunda posiçám do vérbo (primeiro presente do número singular do módo demonstrador) (GP)

Escreve AdN (ILC: p.341): “estos dos fundamentos así presupuestos”, possibilitam o estabelecimento “de algunas reglas generales” para a formação – leia-se declinação e conjugação respetivamente – de nomes

¹⁸ Não se encontra na GC mas, sim, nas *Introducciones...*: “Inuertimus uerbum actiuum in passiuum / Volvemos el verbo activo en verbo pasivo” (ILB: p.134), con *invertire/volver*.

e verbos; cada um deles seria uma espécie de forma base ou neutra, não marcada – e até certo ponto “ideal” – tomada como referência para a elaboração dos paradigmas, proporcionalmente, do nome ou do verbo.

Em JdB as coisas são de outra maneira. Em primeiro lugar, afeta só o verbo, não o nome; em segundo lugar, para o próprio verbo são consideradas duas posições: a *primeira*, o infinitivo, que serve como pauta (“dele podemos tomár régra”) para a formação dos outros modos, e a *segunda*, primeira pessoa singular presente indicativo, que faz outro tanto para as pessoas verbais:

“Assi que justa cousa será tomármos a ele [el infinitivo] por primeira posiçám do vérbu, pera dele formármos os outros módos. E a segunda posiçám póde ser o primeiro presente do número singulár do módo demonstrador, se déla quisérmos formár algũas pessoas” (GP: p.343).

(vii) *suplir* (GC) | *soprir-suprir, soprimento-suprimento* (GP)

AdN vincula – em três ocasiões – *suplir* a circunlóquios ou ao *rodeo* e, por conseguinte, a “carencias” do castelhano relativamente ao latim:

Latim	Substitui-se em castelhano por
Verbo impessoal: <i>curritur, currebatur</i>	3ª pess. plural do verbo ativo: <i>corren, corrian</i> 3ª pers. sing. do verbo activo com SE: <i>córrese, corriase</i>
Voz passiva: <i>amor</i>	Verbo <i>ser+–DO</i> : <i>soy amado</i>
Alguns tempos verbais	Verbo <i>haber+–DO</i>

JdB usa *soprir-suprir* com similares propósitos –“suprimos alguns defeitos da nossa linguagem em que a latina é máis copiõsa”–, mas o seu uso destes termos é significativamente mais abundante e, além disso, amplia o seu campo de ação: com efeito, utiliza-os com a finalidade de referir procedimentos perifrásticos usados na “nossa linguagem” para expressar o que em latim não só era constituído por uma forma flexiva (casos 1º a 5º do quadro abaixo; igual em AdN) mas também por certas entradas léxicas (casos 6º e 7º; não em AdN):

	Lingua latina	Suprimos em nossa linguagem por
1º	Vóz passiva	Vérbo <i>ser+–DO</i>
2º	Partiçípio futuro na vóz autiva	Vérbo <i>haver+DE+–R</i> : <i>[h]ei-de ler os livros</i>
3º	Alguns tempos verbáes	Verbo <i>ter+–DO</i>
4º	Tempo vindoiro	<i>amará, lerá, ouvirá, será</i> “con o acento no á final”

	Lingua latina	Suprimos em nòssa linguágem por
5º	Nome comparativo	<i>máis</i> +nome positivo
6º	Muitos nomes que a lingua latina tem	Infinitivos do presente tempo, poendo-lhe seu artigo com que ficam nomes vèrbáes
7º	Muitos vèrbos da lingua latina (que a nòssa nam tem)	Vérbo haver, o quáil se ajunta con nome: <i>[h]ei vergonha, [h]ei medo, (h)ei fôme, [h]ei frío</i>

1.2.4. A gramática e suas partes

TERMOS PARA A GRAMÁTICA E SUAS PARTES	
NEBRIJA	JOÃO DE BARROS
<i>GC</i>	<i>GP</i>
Acento ‘prosodia’	
Arte de letras ‘gram.’	
Artificio	Artefício (de palávras póstas em seus naturáes lugáres)
Barbarismo	Barbarismo
Ciencia	Çiência
Ciencia de bien escribir ‘ortografia’	Çiência de escrever dereitamente
	Çiência de lêteras ‘gram.’
Construcción ‘sintaxis’	Construiçám das partes
Etimología (“verdad de palabras”)	Etimologia (“naçimento da diçám”)
Gramática	Gramática
Gr. declaradora ‘histórica’	
Gr. doctrinal ‘metódica’	
Gr. histórica	
Gr. metódica	
Gramático	Gramático
Letrado ‘gramático’	
	Naçimento da diçám
Orden ‘sintaxis’	
Ortografia	Ortografia
	Ortografia galega
Precepto	
Prosodia	Prosódia
Regla	Régra
	Régras da formaçám

TERMOS PARA A GRAMÁTICA E SUAS PARTES	
NEBRJA	JOÃO DE BARROS
<i>GC</i>	<i>GP</i>
	Régras gêraés/naturæes da construiçám
	Régras particulæres/açidentæes da construiçám
Regular	
Sintaxis	Sintáxis
Solecismo	Solecismo
Verdad de las palabras	

Tabela 6

Comentários:

1.º Não se encontra um só termo deste tipo nas *ILC*; por isso foi eliminada da tabela qualquer referência a esse texto. Apenas na *GC* oferece AdN termos românicos para denominar a gramática e as suas partes, e isto com o já conhecido recurso ao par terminológico neologismo latino / adaptação facilitadora em castelhano: *gramática/arte de letras, ortografia/ciencia de bien y derechamente escribir, prosodia/acento, etimologia/verdad de palabras*, etc. JdB não anda longe disto: *gramática/çiência de lêteras, ortografia/çiência de escrever dereitamente, etimologia/naçimento da diçám*, etc.

2. Os procedimentos (formais) das contribuições terminológicas nebricense e barrosense para o acervo luso-castelhano

São três os mecanismos lexicológicos que os autores ativam para a elaboração/construção / inovação/ invenção / geração de terminologia técnica nas obras gramaticais comentadas (RIDRUEJO, 1977: p.63).

2.1. O mero decalque ou adaptação da terminologia latina já existente.

Trata-se aqui de puros latinismos que foram trasladados do latim para o português ou para o espanhol com as modificações adaptativas formais mínimas, imprescindíveis para as palavras ficarem romanceadas, luso-castelhanizadas:

adiectiuum > *adjetivo* | *ajetivo*

aduerbium > *adverbio* | *avérbio*

dictio > *dicción* | *diçám*
futurum > *futuro* | *futuro*
modus > *modo* | *módo*
nomen > *nombre* | *nome*
pluralis > *plural* | *plurár*
species > *especie* | *espéçia*

Estes termos são imensos; este é, evidentemente, o método ao qual com maior frequência recorrem os dois gramáticos; basta passar uma vista de olhos por qualquer das tabelas acima para nos convenceremos disso.

2.2. A tradução da etiqueta latina por uma palavra do castelhano ou do português comum, da língua geral, de acordo com as equivalências lexicais correntes, não técnicas, entre as duas línguas.

Normalmente, são expostas aqui noções já existentes na gramática latina e provenientes dela, portanto, para as quais AdN e JdB – pedagogos, divulgadores – preferem não recorrer ao caminho trilhado do latinismo-neologismo.

Isto pode levar-se a cabo:

(i) de palavra a palavra:

adiectiuum > *arrimado* | \emptyset
articulu, > *artejo* | *artigo, artelho*
dictio > *palabra* | *palávra*
dubium > *dudoso* | *duvidoso*
futurum > *venidero* | *vindoiro–vindouro*
imperatiuum > \emptyset | *mandador*
iungere > *ayuntar* | *ajuntar*
optatiuum > \emptyset | *desejador*
promiscuum > *mezclado* | *confuso*

(ii) da palavra à combinação de várias (*cfr. supra* 1.2.1 4°):

(adverbio) *dubitatiuum* > *para dudar* | *de duvidár*
(conjunción) *disiunctiua* > *para ayuntar las palabras y desayuntar las sentencias* | \emptyset

pluralis > número de muchos | número de muitos
praeteritum imperfectum > pasado no acabado | passado por acabar–nam
 acabado
subiunctiuum > Ø | módo para–d’ajuntar

2.3. A criação terminológica propriamente dita

Entende-se por tal, em rigor, não tanto a criação lexical – uma palavra nova, antes não existente – mas a adopção / o transporte / a especialização de uma já presente no uso geral da língua até um uso ou valor gramatical especializado, isto é, até fazer dela um termo técnico próprio da disciplina, e isto sem base nem inspiração latinas, pelo menos evidentes. É o procedimento menos frequente e, como no caso anterior, pode recorrer-se a uma palavra ou a uma combinação estável delas.

Em geral, este procedimento é usado quando os autores apresentam uma realidade “nova”, um aspecto idiossincrático das suas respectivas línguas – não importado do latim e, portanto, carente de denominação nessa gramática – para o qual nestes textos se propõe, pela primera vez na gramaticografia luso-castelhana, uma descrição e um tecnicismo. No nosso entender, este grupo está constituído pelas entradas seguintes:

artejo | *artigo*, *artelho*
circunloquio del verbo | *circunlóquio*
 Ø | *disjunçám*
 Ø | *eficácia*
*hemencia*¹⁹ | *vehêmençia*²⁰
nombre participial infinito | Ø
partecilla | Ø
reciprocación | *reçiprocár*
retorno | Ø
rodeo | *rodeo*
 Ø | *soprimento–suprimento*

¹⁹ É o fenómeno que se produz quando se acrescenta *mismo* (*yo mismo, ese mismo, ...*) ou *otros* (*nos otros, vos otros*) aos pronomes (GC: p.237).

²⁰ É o fenómeno que se produz quando se acrescenta *mesmo* (*eu mesmo, ...*) ou *outros* (*nós outros, ...*) aos pronomes (GP: p.320) .

Não é infrequente que, para um mesmo conceito, ambos os gramáticos recorram de maneira simultânea – por um lado, outra vez com o propósito pedagógico de se fazerem entender melhor e, por outro lado, com o desejo de deslatinizarem a gramática e fazerem-na verdadeiramente românica, espanhola ou portuguesa – em mais de um dos procedimentos referidos em 2.1. Isto gera – sinomínia *de facto* – pares terminológicos decalque / tradução-criação, um aspecto já considerado várias vezes ao longo deste trabalho²¹.

3. Termos e conceitos

É claro que uma coisa são os termos (“significantes”, afinal, até a este ponto do texto) dos quais nos temos ocupado até agora, e outra bem distinta os conceitos gramaticais – teóricos, descritivos ou de método – aos quais procuram dar encaminhamento linguístico e aos quais procuram dar expressão formal verbal (“significados”, afinal, considerados apenas até este ponto do texto).

Essa relação forma–significado, termo–conceito (“cada término tiene una carga conceptual”; SWIGGERS, 2009: p.20-21) muda significativamente ao longo da história praticamente em cada termo encontrado; não é necessário insistir em que *género* não é o mesmo, nem se refere à mesma realidade gramatical, em AdN, por exemplo, em Villalón (1558) ou em Bello (1847), por exemplo; ou que *verbo*, embora na prática acolha as mesmas entradas lexicais em Nebrija e na *GRAE*-1870, é considerado a partir de perspectivas diametralmente diferentes pelo humanista andaluz e pela sábia corporação. O mesmo poder-se-ia dizer da tradição portuguesa. Mas estas histórias são complexas e não tratadas aqui, entre outras coisas porque aqui não se apresenta uma história – uma diacronia – da terminologia gramatical luso-castelhana (evolução da relação termos–conceitos no decurso do tempo), mas antes o estado – uma sincronia – da terminologia proposta e usada pelos dois autores concretos, uma fase ou um momento terminográfico bem circunscrito.

Não podemos ocupar-nos aqui, obviamente, de todos os termos encontrados nos textos²² e já apresentados ao longo deste trabalho, pelo que nos centraremos a partir de agora em alguns deles que, por alguma razão, considerámos mais importantes ou mais chamativos ou mais difíceis: Que referem os termos propostos? Que conceitos gramaticais – teóricos ou descritivos – são preenchidos e referidos, e por quais termos? Redescobriremos que essa relação

²¹ *Supra* 1.2.2. 7º (modos), 8º (números) e 10º (tempos) e 1.2.4 1º (gramática e as suas partes).

²² Insistimos: uns 226 em AdN e uns 245 em JdB.

termo–conceito pode ser: (i) unívoca: um termo evoca um só conceito e um conceito expressa-se por um só termo; (ii) equívoca: a um termo correspondem vários conceitos, ou então a um conceito correspondem vários termos (veja-se outra vez *supra* 3.2.).

3.1. Primeiro/segundo/terceiro (/quarto/quinto/sexta/sétimo)

Estes termos marcam – com maior ou menor transparência, com maior ou menor grau de adequação e com maior ou menor justificação explícita por parte dos autores – uma hierarquia entre os elementos constitutivos de várias séries; apenas deste ponto de vista são unívocos, mas aplicam-se a tantas classes, traços ou relações que, por consequência, se tornam polissémicos, multirreferenciais²³.

Declinaciones/declinações

Castelhano (*ILC*: p.315; *GC*: p.231):

1ª singular em *-a* / plural em *-as*

2ª singular em *-o* / plural em *-os*

3ª singular em *-d, -e, -i, -l, -n, -r, -s, -x, -z* / plural em *-es*.

Português (*GP*: 315):

1ª [nominativo singular em] *a, e, i, o, u*: vocal

2ª [nominativo singular em] *l, m, r, s, z*: consoante

Ainda não nos foi possível identificar o traço que guia a numeração das declinações, nem em latim nem em castelhano, nem, ainda, em português; não será, certamente, a ordem alfabética, nem o nominativo ou o genitivo em latim, nem do singular ou o plural em espanhol, nem de vogal vs consoante em português.

Casos

Nas *ILC*: p.316-317 e *GC*: p.233 atribui-se o nome de (caso) *primero, segundo, tercero, cuarto, quinto* a, respectivamente, *nominativo, genitivo, dativo, acusativo, vocativo*. Nas *ILC* mostra-se uma clara preferência por denominações

²³ No texto não são pormenorizados os usos dos termos que apenas servem para o latim e não têm correlato em espanhol (*ILB*: p.146-149 e *GC*: p.253-255): “tres gerundios sustantivos: el primero del genitivo, el segundo del ablativo, el tercero del acusativo”; com relação ao supino: “primero supino” (*eo venatum* > *voy a cazar*), “segundo supino” (*mirabili dictu* > *cosa maravillosa de ser dicha*).

com ordinais, muito possivelmente por razões pedagógicas, precisamente para evitar um termo “técnico”.

Na *GP*: p.311-313 são propostos catorze termos para sete casos: os ordinais (*primeiro, segundo...*, *seitimo*) e os adjetivos latinos (*nominativo, genitivo...*, *efectivo*), com certa preferência por estas segundas etiquetas.

É difícil – e seria aventuroso – conjecturar um fundamento linguístico ao qual possa dever-se a disposição dos casos na enunciação do paradigma da declinação precisamente por essa ordem, a qual condiciona a própria etiqueta. Poder-se-ia talvez sugerir que na gramática latina o *genitivo* é o *segundo* porque serve para o estabelecimento e enunciação dos cinco tipos de declinações (*rosa, -ae*); a tradição românica – já sem motivação intrínseca – teria mantido esse costume, como tantos outros.

Para o *primero / nominativo* poder-se-ia talvez sugerir que nessa tradição latina se põe *primero* o caso que ‘da nombre al nombre’ = *nominativo*²⁴. Muito provavelmente isto tem a ver com o que AdN chama de “primera posición del nombre” (*supra* 1.2.3. 3º *comentário* (vi)). É, com certeza, JdB o mais explícito nisto e o que melhor justifica arrazoadamente a sua decisão terminológica:

Chamam os Latinos ao primeiro caso, Nominativo, por ser o primeiro que nomea a cousa e nele está a cousa que é ou a pessoa que fáz, per semelhante exemplo: *A cobiça é raiz de todos males*. Esta cobiça, em ser raiz, fica em o caso Nominativo. Quem fáz: *A liberalidade fáz os príncipes amados*. E, por esta liberalidade ser autor desta obra, está em o caso Nominativo pela segunda parte da regra.

Isto tem a ver, portanto, com o que hoje se consideraria a sua função de SN sujeito, ou de *primeiro* actante, etc.

Conjugações

Castelhano (*ILC*: p.327-329; *GC*: p.249) e português (*GP*: p.331):

1ª acaba/contrói (presente do) infinitivo em *-ar/-ár*: *amar / amár*

2ª acaba/ contrói (presente do) infinitivo em *-er*: *leer / ler*

3ª acaba/ contrói (presente do) infinitivo em *-ir*: *oír / ouvir*

Neste caso, a “hierarquia” parece decorrer da posição que ocupam as vogais temáticas na ordem alfabética convencional.

²⁴ *Casus rectus = derecho* [‘no cae de otro’ nas *ILB*: p.105].

Pessoas do pronome “y de las cosas ayuntadas” com as pessoas do pronome (ILB: p.108; GC: p.239; GP: p.321)

1^a “que habla de sí” | “que fâla de si mesmo”

yo, nos | eu

mío, nuestro, esto, aquesto | meu-minha, nósso

2^a “a la cual habla la primera” | “à qual fâla a primeira”

tú, vos | tu

“todos los vocativos de las partes que se declinan por casos”

tuyo, vuestro, eso, aqueso | teu-tua, vósso

3^a “de la cual habla la primera” | “da qual a primeira fâla”

él, ellos | ele

“todos los otros nombres y pronombres son de la tercera persona” |

seu-sua

Deve atender-se ao facto de que nem AdN nem JdB definem propriamente a categoria (GÓMEZ ASENCIO, 1995: p.295), mas, sim, cada um dos seus componentes, isto é, não se define *pessoa* mas *cada uma* das três reconhecidas; e que na definição destas existe algo de pragmático e situacional: atende-se menos ao aspecto formal do acidente, ao morfemático, do que aos intervenientes no ato de comunicação.

A disposição das pessoas precisamente nessa sequência numérica ordinal tem fundamento explícito em AdN, mas não em JdB: obedece à “orden natural de las personas”. Mais ou menos: a pessoa que fala é mais importante que aquela *à* qual fala (tem a mais alta dignidade e deve mencionar-se em primeiro lugar); e esta é mais importante que aquela *da* qual fala a primeira (por isso, tem de mencionar-se em segundo lugar):

Las cosas que por naturaleza son primeras o de mayor dignidad se han de anteponer a las siguientes y menos dignas [...] Aunque esta perturbación de orden en alguna manera sea tolerable y se pueda excusar algunas veces por autoridad, aquello en ninguna manera se puede sufrir: que la orden natural de las personas se perturbe, como se hace comúnmente en nuestra lengua, que siguiendo una vana cortesía dicen *el rey y tú y yo venimos*, en lugar de decir *yo y tú y el rey venimos*. Porque aquello en ninguna lengua puesta en artificio y razón se puede sufrir que tal confusión de personas se haga (GC: p.275-277).

Pessoas do verbo (ILC: p.329, GC: p.249; GP: p.331)

Veja-se acima Pessoas do pronome.

Primera posición del nombre / del verbo (ILC: p.341)

Isto já foi tratado mais acima em 1.2.3. *comentário 3º(vi)*. São as formas ideais e até certo ponto modélicas com as quais entroncam as outras formas concretas de uma palavra, as quais são tomadas como base para a descrição, e nas quais é ancorado o resto das formas constitutivas de cada paradigma, seja o nominal (a partir do nominativo [singular]), seja o verbal (a partir da primera pessoa singular presente indicativo). Em qualquer caso, *primeira* sugere uma posição de privilégio, de primeira ordem numa hierarquia de formas, uma organização, e, por conseguinte, um agrupamento de entidades que vai mais além da mera enumeração ou lista de formas (SWIGGERS, 2009: p.26).

Primeira posiçám do vérbo (GP: p.343)

JdB encontra sobeja fundamentação teórico-prática para argumentar a sua tomada de decisão segundo a qual o infinitivo é a forma-chave de tudo quanto se relaciona com a morfologia verbal:

Assi como o infinitivo é um módo que nos fáz conhecer de que conjugaçám é qualquér vérbo, assi dele, máis que de outro algum módo, podemos tomár régra pera a formaçám dos outros. E também lhe devemos ésta preeminênçia como a termo dos vérbos máis usádo e conhecido, porque os mininos, quando comêçam formár nóssas palávras, primeiro conhêçem a ele que algum outro módo e por ele ôs insinam suas mádres. Os bárbaros que vem a nósso serviço, dele comêçam, como em primeiro elemento da formaçám verbál. E por ele suprimos alguns defeitos da nósso linguágem em que a latina é máis copiósá.

Assi que justa cousa será tomármos a ele por primeira posiçám do vérbo, pera dele formármos os outros módos.

Existem, pois, seis razões para tal *preeminênçia*: (i) metalinguística, metagramatical: o infinitivo fornece a pista para atribuir cada verbo concreto a um modelo formal de conjugação (1ª, 2ª, 3ª); (ii) gramatical: o infinitivo fornece a pauta para a formação do resto das formas verbais: em *-ár* fazem a suas formas de uma maneira, em *-er* de outra, etc.; (iii) de frequência: o infinitivo é a forma verbal mais usada; (iv) de aquisição: o infinitivo é a forma que as crianças usam primeiro na aquisição da sua língua materna; (v) de aprendizagem: o

infinitivo é a forma que aprendem primeiro e a que mais usam os falantes de outras línguas que se aproximam do português como língua estrangeira; (vi) o infinitivo é a forma que em português serve para construir certos *circunlóquios* que permitem remediar *defeitos* ou carências desta língua com relação à latina. Excelente argumentação, a de JdB.

Módos do verbo (GP: p.330)

Isto também já foi tratado (1.2.2. *comentário* 7º): JdB numera os cinco modos verbais do *primeiro*=*indicativo* até ao *quinto*=*infinitivo*, e justifica a sua decisão no acatamento da tradição gramatical latina: “sam os módos àçerca de nós çinquo, como tem os Latinos, portanto, seguiremos *a sua ordem e termos*”.

Concordia / concierto (GC: p.273-275)

1ª de nome adjetivo com nome substantivo: em género, número e caso

2ª “del nominativo con el verbo”: em número e pessoa

3ª “del relativo con el antecedente”: em género, número e pessoa

Informação parecida, mas sem numerar as concordâncias, em JdB (GP: p.349-351).

“Este concierto de las partes de la oración entre sí es natural a todas las naciones que hablan; a mesma ideia da *concordância* como *natural* ou universal para todos em JdB” (p.349).

A *primeira* concórdia origina um SN, a *segunda* afeta a relação sujeito-núcleo do predicado e gera uma oração, a *terceira* tem que ver com uma relação anafórica não necessariamente mediada pelo que agora comumente se denomina como “relativos” (GÓMEZ ASENCIO, 2001: p.153-154).

3.2. Género

O termo recobre conceitos bastante diferentes consoante se trate do nome (e classes com ele conectadas²⁵) ou de verbo; é, portanto, termo não unívoco, e a categoria mal aparece definida. É surpreendente o paralelismo com que

²⁵ No que respeita ao *artículo*, nem sequer é certo que tenha o acidente *género*. Há (GC: p.241) três artigos que servem “para demostrar de qué género es” o nome: *el* para o género masculino, *la* para o género feminino, *lo* para o género neutro. Nada sugere que, em AdN, *género* seja um traço ou propriedade inerente ao *artículo*. Em JdB (GP: p.313) não é muito diferente.

AdN constrói a apresentação da categoria para uma e outra classe de palavras (GC: p.229 e p.245):

Género	en el nombre	es aquello por que se distingue	el macho de la hembra y el neutro de entrambos
	en el verbo		el verbo activo del absoluto

JdB segue-o de perto, mas corta com tão perfeito paralelismo definitório (GP: p.308 e p.325):

Género	em el nome é ãa distincám	pela quá conheçemos	o mácho da femea e o neutro de ambos
	em o vérbo é ãa natureza espeçi- ál que tem uns e nam tem outros		serem uns autivos, outros passivos e outros neutros

3.2.1. No nome

Ambos os gramáticos apresentam sete tipos de géneros (*supra* tabela 4). Em AdN, seis deles – em escassa consonância com a definição da categoria – não são considerados sob os pontos de vista semântico nem referencial:

É do género masculino o nome com o qual se junta este artigo *el*: *el hombre, el libro*

É do género feminino aquele com o qual se junta este artigo *la*: *la mujer, la carta*

É do género neutro aquele com o qual se junta este artigo *lo*: *lo justo*

É do género comum de dois aquele com o qual se juntam estes dois artigos *el, la*: *el/la infante*

É do género comum de três aquele com o qual se juntam estes três artigos *el, la, lo*: *el/la/lo fuerte*

Es del género dudoso aquel con que se puede ayuntar este artículo *el, la*: *el/la color, el/la fin*

É do género misturado aquele que sob este artigo *el* ou *la* significa os animais machos e fêmeas: *el ratón, la comadreja*.

Na GC (p.229), a apresentação dos tipos de géneros coloca-se, pois, fundamentalmente (embora não só), a partir das suas possibilidades combinatórias,

sob a perspectiva sintática da concordância. JdB é mais eclético e menos preciso e – para lá de deixar alguns sem tratamento nem exemplos – oscila entre considerá-los “per sinificacám” ou “per artigo” (*GP*: p.308).

3.2.2. No verbo

Na *GP* (p.325-326), JdB sustenta que são cinco os géneros do verbo em latim: *autivos*, *passivos*, *neutros*, *comuns* e *depoentes*; nenhum recebe definição ou tratamento porque, ao fim e ao cabo, são assuntos da gramática latina, e ele trata *da lingua portuguesa*. AdN, nas suas *Introducciones latinas contrapuesto...* (p.110), sim, aborda os mesmos cinco tipos (embora com definição, isso sim), porque ao fim e ao cabo ali trata-se de gramática latina.

Pelo contrário, para as respectivas línguas românicas, cada qual reconhece dois, e apenas, dois géneros de verbos:

AdN:

Activo: “aquele que pasa en otra cosa”: *amo*

Absoluto: “aquele que no pasa en otra cosa”: *vivo, muero*

JdB

Autivo: “aquele que se póde converter ao módo passivo e pelo quá denotamos fazer algũa óbra que passe em outra cousa”: *amo*

Neutro: “aquele que se nam póde converter ao módo passivo, e cuja auçám nam pássa em outra cousa”: *estou, ando, vou, fico*

É de salientar: (i) a extrema redução de géneros verbais no trânsito da gramática latina para a luso-castelhana, de cinco para dois, em perfeita adequação descritiva com as línguas tratadas, assim como a flagrante deslatinização da *GC* e da *GP* relativamente às gramáticas latinas precedentes; (ii) que *activo* ou *passivo|neutro* não são aqui palavras – acidente que nenhum dos dois autores reconhece no verbo românico – mas antes géneros, tipos ou subclasses de verbos; (iii) que AdN define ambos os géneros apenas sob a perspectiva sintático-semântica; y (iv) que JdB, pelo contrário, fá-lo a partir de três pontos de vista: dessa mesma perspectiva sintático-semântica, pela sua capacidade de suportar a passiva e por significar ação.

3.3. Circunloquios (do verbo)

Nas *Introducciones latinas contrapuesto...* (p.149-150) de AdN há três ocorrências de *circumloquimur*: nas três trata-se de substituir em latim, sob certas condições, um elemento por outro (por exemplo: o futuro do infinitivo

pelo supino); em duas delas é traduzido por Nebrija como *suplimos* e, numa terceira, como *por circunloquio suplimos*. Eis o primeiro registo do termo *circunloquio* na história da língua espanhola²⁶. E, talvez, a primeira pista para *soprir/suprir* e o *circunlóquio* de JdB.

O denominado *Diccionario de Autoridades* (RAE: 1729) define *circunlóquio* como ‘rodeo de palabras’ e inclui esta aceção especificamente gramatical:

“En la Gramática es una de las partes de la conjugacion, que corresponde a esta locucion: Que amára, ò huviera de amar”.

Alguma coisa, se não tudo, vem da *GC* de AdN: o capítulo XI do *Libro tercero* intitula-se precisamente assim: “De los circunloquios del verbo”. Aqui se incluem expressões, formas verbais complexas, que se integram na conjugação (*ILC*: p.329 e seguintes) e com as quais são resolvidas, em castelhano, certas carências flexivas dos verbos quando são cotejados com os latinos: “Así como en muchas cosas la lengua castellana abunda sobre el latín, así por el contrario la lengua latina sobra al castellano, como en esto de la conjugación” (*GC*: p.249).

Em concreto, incluem-se aqui:

1. Os equivalentes em espanhol da “voz impersonal” latina: (i) terceiras pessoas do plural do verbo ativo; (ii) terceiras pessoas do singular com *se* de *reciprocación* o *retorno* (*supra* 1.2.3. *comentários* 2º (i) e 3º (vii)). Assim, *curritur é corren* ou *se corre*.
2. As construções com *ser* e participio em –DO que substituem a voz passiva latina. Assim, *amor é soy amado*.
3. As construções com verbo ativo e o pronome *se* de *retorno* que referem o mesmo – passiva – que a fórmula sintetizada na secção imediatamente anterior. Assim, *ámanse las riquezas* equivale a *son amadas las riquezas*.
4. No que diz respeito à “voz activa”, “tiene también el castellano menos tiempos que el latín” e para expressar isso mesmo é necessário fazer um *rodeo*. Cabem aqui as posteriormente denominadas “formas compuestas del verbo”, as construídas com o verbo *haber* seguido de nome participial infinito (*vid.* TOLLIS, 1998 [1984] e também aqui, *infra*).

²⁶ Naturalmente, no estado atual dos conhecimentos sobre ela: Corominas-Pascual (*Dicc. crítico etimológico castellano e hispánico*, Madrid, Gredos, 1980, s.v. *Locuaz*) colocam a sua primeira ocorrência em 1530, e o *Corpus del Nuevo diccionario histórico del español* (consulta online: 15/03/2013: <http://web.frl.es/CNDHE/org/publico/pages/consulta/entradaCompleja.view>) regista o *circumloquio* (*sic*) em 1500, mas teremos de esperar até 1528 para encontrar *circunloquio*, forma já atestada em Nebrija *ILB*-1488?

3.4. (Por/per) rodeo

Como muitos outros, o termo não aparece definido nem em AdN – muito provavelmente o seu criador – nem em JdB. Ambos recorrem a ele para fazer a descrição em castelhano ou em português – por meio de locuções, perífrases, colocações ou circunlóquios – de formas sintéticas latinas. Este termo não recobre uma classe, uma entidade, uma categoria ou uma relação, mas antes um procedimento, um mecanismo operatório de suplência ativado pelas duas línguas românicas para preencher algumas das suas “carências” ou “defeitos”, formais ou lexicais, relativamente ao latim. São tidas como formas *por rodeo* em AdN:

1. “Superlativos no tiene el castellano” (GC: p.217): são denominadas por *rodeo* de *muy* e o positivo correspondente²⁷.
2. No que diz respeito ao verbo (GC: p.249-253):
 - 2.1. As construções com *ser* e participio em –DO que suprem a voz passiva latina. Assim, *amor é soy amado*.
 - 2.2. As formas compostas dos verbos: *haber* e nome participial infinito em –DO.
 - 2.3. As formas de futuro: *amar-é, amar-ás*.
 - 2.4. As formas de condicional: *amar-ía*.
 - 2.5. “El venidero del infinitivo” expressa-se com o infinitivo do verbo correspondente e a ajuda “de algún verbo de los que significan que algo se hará en el tiempo venidero” (GC: p.253), “esperanza o liberación” (ILC: p.359): *espero amar, pienso leer, entiendo oír*.

Já se terá percebido que vários dos *circunloquios del verbo* (em concreto o 2. e o 4. de 3.3.) são formas *por rodeo*, mas que ambos conceitos – embora entrecruzados – não se recobrem um ao outro; os circunlóquios constituem, em latim, formas verbais da conjugação.

3. No que respeita ao advérbio (GC: p.267-269):
 - 3.1 Advérbios “para contar”: *una vez, dos veces, muchas veces* (já nas *Introducciones...*: p.123: *bis/dos veces, ter/tres veces*).
 - 3.2 Advérbios de qualidade (leia-se “de modo”) em –*mente*, nome que se anexa a um nome adjetivo no feminino.
 - 3.3. Locuções adverbiais com *a* e algum nome: *a osadas, a sabiendas, adrede, apenas*.

²⁷ Tal como os comparativos (estes, pelo contrário, não explicitamente considerados como *por rodeo*) constroem-se com *más* e o positivo.

JdB aplica o termo, de maneira mais restritiva, apenas ao verbo:

1. As construções com *ser*+–DO que substituem a voz passiva latina.
2. As formas compostas dos verbos com : *ter* +–DO.
3. As formas de futuro: *amar*-ás.
4. “Particípio futuro na vóz autiva”: *haver* DE *amar*

Isto, por fim, e ao contrário de AdN, transforma o termo *por rodeo* em sinónimo de *circunlóquio* (“a que podemos chamar rodeo”; p.332); mas não em sinónimo de *soprimento*: nas substituições cabe tudo isso e muito mais (*supra* 1.2.3. *comentário* 2.º (vii), onde se foi buscar o quadro abaixo):

	<i>Lingua latina</i>	<i>Suprimos em nóssa linguágem por</i>
5º	Nome comparativo	<i>máis</i> +nome positivo
6º	Muitos nomes que a lingua latina tem	Infinitivos do presente tempo, poendo-lhe seu artigo com que ficam nomes vèrbáes
7º	Muitos vèrbo da lingua latina (que a nóssa nam tem)	Vèrbo haver, o quáil se ajunta con nome: [h]ei vergonha, [h]ei medo, (h]ei fõme, [h]ei frio

Circunlóquios, *soprimentos* e *rodeos*, como já foi dito várias vezes, vêm resolver carências ou defeitos do português relativamente ao latim. Mas nem sempre é assim: JdB chega a detectar, e a jactar-se, de casos nos quais a nova língua supera a sua mãe latina; menciona como o português, para dar expressão aos valores do mais-que-perfeito do indicativo, dispõe de tempo verbal simples (*amára*) e de forma “por rodeo” (*tinha amado*) e chega – diz – a notar uma ligeira diferença de significado ou de uso entre uma e a outra:

Temos máis alguns tempos simples, os quáes por cópia da nóssa linguágem máis que por defeito déla, ôs podemos dizer também per rodeo, como o tempo passádo máis que acabádo do módo pera demonstrár, o quáil, simples, dizemos *amára* e per rodeo, na mesma sinificaçám, *tinha amado*. Ainda que parêçe no sentido que estes tempos simples com o particípio dam à óbra algũa máis perfeiçám em tempo (*GP*: p.340).

Em qualquer caso, vale a pena assinalar aqui tanto a perspicácia linguística como a adequação descritiva de JdB.

Por rodeo é um artifício teórico e descritivo ideado – estamos em crer – por AdN e adotado e adaptado por JdB para acolher nas gramáticas do espanhol e do português conjuntos fixos de elementos, estruturas que em latim constituem ou uma forma gramatical (as formas compostas do verbo, os superlativos) ou, ao mesmo tempo, uma forma gramatical e um elemento lexical simples (os advérbios): o que em latim se expressava por meio de – era – *uma* palavra, em espanhol e português necessita de uma expressão. O mesmo conceito (em latim e, portanto, em romance) expressa-se com uma palavra em latim, mas precisa de uma estrutura ou de conjunto fixo de várias – de um “rodeo” – em espanhol e português.

Existe aqui uma elevada componente de sentido da língua e de capacidade descritiva das suas respetivas línguas por parte destes gramáticos iniciais. Existe algo de latinização da gramática: transportar para o espanhol/português como unidades pluriverbais – com as dificuldades teóricas e metodológicas que isso envolve – o que eram unidades monoverbais já categorizadas, para o latim, na gramática latina. E existe alguma deslatinização da gramática: considerar que cada um dos agrupamentos de palavras gráficas já referidos constitui uma UNIDADE-LINGUÍSTICA-POR-RODEO–CIRCUNLÓQUIO|SUPRIMENTO é, sem dúvida, deslatinizar e intuir peculiaridades expressivas das novas línguas face ao latim.

2. Eficácia

Em JdB é termo bastante próximo de *vehêmença* (*hemencia* em AdN; *supra* 2.1.3.), mas usado mais profusamente. Fica por definir, o que já não nos deveria surpreender, dado que essa prática é relativamente habitual nos dois gramáticos estudados. Tem a ver com uma espécie de força ou “ênfase” que ocorre em duas circunstâncias: (i) vinculada à figura composta do pronome e da preposição²⁸; (ii) relacionada com o contributo do advérbio para o verbo. Leia-se:

Duas figuras tem o pronome: simples e compôsta. Figura simples é: *eu, tu, este, esse*. Compôsta chamamos: *eu mesmo, tu mesmo, aqieste, aquesse*, etc. Ésta composicám déstas duas pártes –*eu mesmo*– nam fáz máis que acreçentár uma eficácia e vehemência ao pronome, a que os Grégos chamam *enfasim*, porque maior eficácia tem dizer: *Eu mesmo escrevi ésta árte* que: *eu escrevi ésta árte* (GP: p.320).

²⁸ Para este último caso, *supra* 1.2.2. comentário 5º.

A preposiçám [...] tem figura singéla e dobráda. Singéla, como quando dizemos *çerca* e compósta, acreçentando-lhe ésta preposiçám *a*, diz *àcerca*, que já tem máis eficácia (GP: p.347).

Foi ésta páрте [o avérbio] mui neçessária, ca per éla se denóta a eficácia ou remissám do verbo, porque, quando digo: *Eu amo a verdáde*, demóstro que simplesmente faço ésta óbra de amár; mas dizendo: *Eu amo muito a verdade*, p[er] este avérbio *muito*, denóto a cantidáde do amor que tenho à cousa; e se dissér: *Amo pouco a verdáde*, com este *pouco* se diminúie o muito de çima; e: *Nam amo a verdáde*, desfáço toda a óbra de amár (GP: p.345).

É digno de nota, para terminar, que AdN por um lado considere também que *mismo* e *otros* (em *nos-otros*) são elementos que, por meio da figura composta, acrescentam *hemencia* ao pronome, e por outro entenda que aquele *mismo*, e pelo menos alguns casos de “mucho”²⁹, são *partezillas*, termo e conceito ideados pelo gramático espanhol.

Conclusão

Cada um dos dois livros ou três textos examinados – à sua maneira, e em grau e natureza diversos – apresenta uma forte dose de informação lexicográfica de carácter terminológico. De facto, poderia sustentar-se – com algum atrevimento – que quase nos encontramos perante “dicionários técnicos” em que os termos não aparecem na habitual ordem alfabética; aqui, essa mesma realidade metalingüística (i.e. a gramática, “o gramatical”) encontra-se disposta em ordem gramaticográfica, que obedece a pautas que tinham sido fixadas pela tradição herdada. Dito de outro modo: em boa parte estes textos contêm um dicionário de gramática espanhola ou de gramática portuguesa disposto de uma forma não alfabética, mas antes gramatical, de acordo com a teoria-doutrina; em disposição não lexicográfica mas, sim, gramaticográfica.

A maior parte da terminologia gramatical presente nos textos do corpus continua viva nas atuais gramáticas do português e do espanhol; dito de outra maneira: muita da terminologia gramatical em uso “hoje em dia” encontra-se já configurada nestes textos pioneiros: as listas acima apontadas dão sobejamente testemunho dessa conclusão, que se impõe naturalmente por si própria.

²⁹ Por exemplo em “Hijo mío mucho amado” do Marquês de Santillana (GC: p.193).

Uma contagem aproximada revela uma elevada percentagem de termos vivos e uma percentagem menor de terminologia obsoleta, que perdeu vigência ou deixou de ser usada.

Como já indicámos atrás, e em consonância com o tipo de gramática em uso na Europa dos séculos XV e XVI, existe um claro predomínio terminológico dos âmbitos morfológico e taxonómico-formal (isto é: classes, traços e propriedades), em claro detrimento dos assuntos concernentes à sintaxe, tradicionalmente desatendida – como é bem sabido – e quase inexistente aqui (sobretudo no que toca à sintaxe oracional), ou às funções e relações linguísticas entre elementos, sejam morfossintáticas, sejam propriamente sintáticas.

É supérfluo retomar aqui a consabida presença, nos dois autores, da tradição latina em geral: ambos citam Quintiliano, e JdB, ainda Prisciano, entre outros; a influência deste – direta ou mediata – nos gramáticos do corpus está solidamente atestada e é mais do que conhecida. Isto também acontece no capítulo terminológico: existem, pois, fontes comuns a AdN e JdB.

É certa – e foram já aduzidas suficientes provas ao longo deste trabalho – a recepção, por parte de JdB, de ideias gramaticais e também de termos técnicos de AdN, e isto não só relativamente à *GC* como também ao seu *Libro V* (aqui denominado *ILC*) e às prévias *Introducciones latinas contrapuesto el romance al latín*.

Tudo isto permite afirmar a existência de uma base terminológica compartilhada e comum nos começos da gramaticografia luso-castelhana dos séculos XV e XVI (naturalmente com as devidas “adaptações” aos traços fónicos e gramaticais próprios de cada língua).

Tem-se falado com frequência no fracasso das propostas terminológicas de AdN em castelhano:

Esta nacionalización [!] de la nomenclatura –que recuerda un procedimiento característico de la lengua alemana–, movida por un intento de diafanidad, constituía un incesante experimento que no llegó a cuajar en absoluto (SECO, 1992: p.49-51).

Hay que tener en cuenta que no solo el esfuerzo metalingüístico del gramático andaluz ha llamado la atención, sino también el poco éxito que tuvieron las castellanizaciones que propone (ESPARZA, 2006a: p.75).

Ora bem, esse fracasso, em particular, não é senão uma das faces do suposto fracasso gramaticográfico de Nebrija, em castelhano, em geral. Já foi dito até à exaustão que a *GC* não voltou a reeditar-se durante o século XVI nem no XVII, que veio a lume – já inoperante, e, supõe-se, sem eficácia – nos meados do século XVIII, na edição contrafeita atribuída ao conde de Saceda, etc. Por outras palavras: não se trata de não ter êxito especificamente no seu esforço de adaptação/criação de uma terminologia gramaticográfica para o espanhol; antes se trata de que – e salvo exceções muito pontuais, entre as quais se contam Miranda ou Correas – careceu de repercussão em geral no tocante à codificação do espanhol... E, portanto, à teorização sobre esta língua.

Curiosamente, a obra castelhana de AdN teve incidência, sim, e muita, na obra portuguesa de JdB; fracassou o gramático salamaticense do lado espanhol da raia e triunfou – relativamente, claro – do lado português.

Referências

Fontes primárias

- BARROS, João de. *Gramática da língua portuguesa*. Cartinha, Gramática, Diálogo em louvor da nossa linguagem e diálogo da viciosa vergonha. Reprodução facsimilada, leitura, introdução e anotações por Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Faculdade de Letras, 1971 (1 ed. *Grammatica da lingua portuguesa*. *Olyssipone*: apud Lodouicum Rotorigiu[m], Typographum, 1540. Disponível em: <http://purl.pt/121489>)
- NEBRIJA, Antonio de. *Introductiones latinae*. Salamanca: Edición facsímil. Universidad de Salamanca, 1481.
- NEBRIJA, Antonio de. *Introducciones latinas contrapuesto el romance al latin* (¿1488?). Edición con introducción de Miguel Ángel Esparza y Vicente Calvo Münster: Salamanca: Nodus Publikationen, 1996.
- NEBRIJA, Antonio de. *Las introducciones latinas contrapuesto el romance al latin* (1486). Edición crítica de los textos y estudio de Thomas Baldischwieler. Dusseldorf: Heinrich-Heine-University. Disponível em: <http://corpusnebriessense.com/Files/baldischwieler2004.pdf>
- NEBRIJA, Antonio de. *Gramática sobre la lengua castellana*. Edición de Miguel Ángel Esparza y Ramón Sarmiento. Madrid: Fundación Antonio de Nebrija-SGEL, 1992.
- OLIVEIRA, Fernão de. *Gramática da linguagem portuguesa*. Fac-simile, introdução e edição atualizada e anotada por José Eduardo Franco e João Paulo Silvestre. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

Fontes secundárias

- ABAURRE, M. Bernardete; PFEIFER, Claudia e AVELAR, Juanito (orgs.). *Fernão de Oliveira: um gramático na história*. Campinas: Pontes Educadoras, 2009.
- ÁLVAREZ DE MIRANDA, Pedro. ¿Quién publicó la *Gramática castellana* de Nebrija a mediados del XVIII? *Bulletin Hispanique*. 104, 2002, p.41-69.
- ASENCIO, Eugenio. La lengua compañera del imperio. Historia de una idea de Nebrija en Portugal. *Revista de Filología Española*. n. 43, 1960, p. 399-413.
- BRASELMANN, Petra. Antonio de Nebrija: viajero entre tradición e innovación. In: ESCAVY, R.; HERNÁNDEZ TERRÉS, J. M.; ROLDÁN, A. (eds.). *Actas del Congreso Internacional de Historiografía Lingüística*. Nebrija V Centenario. I. Murcia: Universidad de Murcia, 1994, p.149-163.
- BUESCU, Maria Leonor Carvalhão. *Gramáticos portugueses do século XVI*. Lisboa: ICALP, Col. Biblioteca Breve 18, 1978.
- BUESCU, Maria Leonor Carvalhão. *Babel ou a ruptura do signo: a gramática e os gramáticos portugueses do século XVI*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Col. Temas Portugueses, 1983.
- BUSTOS TOVAR, Eugenio de. Nebrija, primer lingüista español. In: GARCÍA DE LA CONCHA, Víctor (ed.). *Nebrija y la Introducción del Renacimiento en España*. Salamanca: Universidad de Salamanca, 1983, p. 205-222.
- CALVO FERNÁNDEZ, Vicente e ESPARZA TORRES, Miguel Ángel. *El 'Arte de Prisciano y castellano': una gramática medieval con glosas romances*. 1999. Disponível em: <http://elies.rediris.es/elies16/Arte.html>.
- CASAS RIGALL. Vicios gramaticales y licencias oratorias: un capítulo deturpado de la “Gramática” de Nebrija. *Neophilologus*. 81.4, [1997] 2012, p.539-549. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/obra/vicios-gramaticales-y-licencias-oratorias---un-capitulo-deturpado-de-la-gramatica-de-nebrija/>.
- CODOÑER, Carmen. Las *introducciones latinae de Nebrija*: tradición e innovación. In: GARCÍA DE LA CONCHA, Víctor (ed.). *Nebrija y la introducción del Renacimiento en España*. Salamanca: Universidad de Salamanca, 1983, p.105-122.
- CODOÑER, Carmen. Las gramáticas de Elio Antonio de Nebrija. In: ALVAR, Manuel (coord.). *Estudios Nebrisenses*. Madrid: Ediciones de Cultura Hispánica-I.C.I., 1992, p.75-96.
- COSERIU, Eugenio. *Língua e funcionalidade em Fernão de Oliveira*. Rio de Janeiro: Presença, 1991.

- ESPARZA TORRES, Miguel Ángel. *Las ideas lingüísticas de Antonio de Nebrija*. Münster: Nodus Publikationen, 1995.
- ESPARZA TORRES, Miguel Ángel. Sobre metalenguaje e historiografía lingüística. In: GONZÁLEZ RUIZ, Ramón, CASADO VELARDE, Manuel e ESPARZA TORRES, Miguel Ángel (eds.). *Discurso, Lengua y Metalenguaje: Balance y perspectivas*. Hamburg: Helmut Buske, 2006a, p. 63-87.
- ESPARZA TORRES, Miguel Ángel. El camino hacia Nebrija. In: GÓMEZ ASENCIO, J. J. (dir.). *El Castellano y su Codificación Gramatical*. Burgos: Instituto Castellano y Leonés de la Lengua, v. I de 1492 (A. de Nebrija) a 1611 (John Sanford), 2006b, p.57-88.
- ESPARZA TORRES, Miguel Ángel e CALVO FERNÁNDEZ, Vicente. Introducción. In: NEBRIJA, Antonio de. *Introducciones Latinas Contrapuesto el Romance al Latin (¿1488?)*. Salamanca. Ed. con introducción de Miguel Ángel Esparza y Vicente Calvo. Münster: Nodus Publikationen, 1996.
- ESPARZA TORRES, Miguel Ángel e CALVO FERNÁNDEZ, Vicente. Las notas en aragonés del manuscrito gramatical 153 Ripoll. *Gramma-Temas 3: España y Portugal en la Tradición Gramatical*. León: Universidad de León, 2008, p.43-73.
- ESPARZA TORRES, Miguel Ángel e NIEDEREHE, Hans-Josef. *Bibliografía nebrisense: las obras completas del humanista Antonio de Nebrija desde 1481 hasta nuestros días*. Amsterdam: John Benjamins, 1999.
- ESPARZA TORRES, Miguel Ángel e SARMIENTO, Ramón. Introducción. In: Nebrija Antonio de. *Gramática de la lengua castellana, 1492*. Madrid: S.G.E.L./Fundación Antonio de Nebrija, 1992.
- GÓMEZ ASENCIO, José J. La *Gramática de la lengua castellana* de Nebrija desde la óptica de la coherencia. In: ECHENIQUE, María Teresa et alii (eds.). *Actas del I Congreso de Historia de la Lengua Española en América y España*. Valencia: Universidad de Valencia/Tirant lo Blanc, 1995, p.293-304.
- GÓMEZ ASENCIO, José J. Absolutamente relativos: así (parece que) son. In: BARTOL, José A. et alii (eds.). *Nuevas Aportaciones al Estudio de la Lengua Española: Investigaciones filológicas*. Salamanca: Luso-Española de Ediciones, 2001, p.145-164.
- GÓMEZ ASENCIO, José J. La gramática castellana para extranjeros de Nebrija. In: GÓMEZ ASENCIO, J. J. (dir.). *El Castellano y su Codificación Gramatical*. Burgos: Instituto Castellano y Leonés de la Lengua, v. I. de 1492 (A. de Nebrija) a 1611 (John Sanford), 2006, p.117-142.

- GÓMEZ MORENO, Ángel. Gramática castellana de Palacio: un nuncio de Nebrija. *Revista de Literatura Medieval*. I, 1989, p. 41-52.
- GONÇALVES, Maria Filomena. *As ideias ortográficas em Portugal: de Madureira Feijó a Gonçalves Viana (1734-1911)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2003, p. 791-804.
- GONÇALVES, Maria Filomena. João de Barros: Grammatica da lingua portuguesa. In: CTLF - *Corpus de Textes Linguistiques Fondamentaux*. Lyon: ENS, 2007. Disponível em: http://ctlf.ens-lyon.fr/n_fiche.asp?num=3302&mot_recherche=
- LEITE, Marli Quadros. *O nascimento da gramática portuguesa: uso & norma*. São Paulo: Paulistana/Humanitas, 2007.
- MORAIS, Carlos (org.). *Fernão de Oliveira, um humanista genial: V Centenário do seu nascimento*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2010.
- NÚÑEZ, Luis Pablo. Voces técnicas del ámbito de la gramática en diccionarios españoles y franceses de los siglos XVII y XVIII: análisis comparativo. *Res Diachronicae Virtual*. 7, 2009, p.73-89.
- PAIVA, Maria Helena. Vernaculidade *versus* relatinização: o testemunho dos textos metalinguísticos portugueses do século XVI. In: *Actas do I Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (Lisboa, 1985)*. Lisboa: 1986, p. 375-397.
- PAIVA, Maria Helena. Juízos explícitos e norma linguística nos gramáticos portugueses quinhentistas. In: BRITO, A. M. et alii. *Linguística Histórica e História da Língua Portuguesa (Actas do Encontro de Homenagem a Maria Helena Paiva)*. Porto: Faculdade de Letras, 2004, p.275-300.
- PAIVA, Maria Helena. Norma patente e norma latente nos gramáticos portugueses quinhentistas. In: CANO LÓPEZ, P. (coord.). *Actas del VI Congreso de Lingüística General*. Madrid: Arco Libros, 2007, p. 2961-2974.
- PELLEN, René e TOLLIS, Francis. *La Gramática Castellana d'Antonio de Nebrija: grammaire d'une langue, langue d'une grammaire*. Limoges: Lambert-Lucas, 2011.
- PERDIGUERO VILLARREAL, Hermógenes. Terminología gramatical en los diccionarios de Nebrija. In: J. J. Gómez Asencio (dir.). *El Castellano y su Codificación Gramatical*. Burgos: Instituto Castellano y Leonés de la Lengua, v. I. de 1492 (A. de Nebrija) a 1611 (John Sanford). 2006, p. 143-159.
- PONCE DE LEÓN ROMEO, Rogelio. La metalengua en romance: el castellano de las gramáticas latino-castellanas. In: GÓMEZ ASENCIO, J. J. (dir.). *El Castellano y la Gramática en la Biblioteca Universitaria de Salamanca (siglos XV-XVIII)*. Burgos/Salamanca: Instituto Castellano y Leonés de la Lengua, 2006, p. 43-66.

- QUIJADA VAN DEN BERGUE, Carmen. Herencia de la terminología greco-latina en *La Parfaicte Methode* de Charpentier (1596). *Res Diachronicae Virtual*. 7, 2009, p.171-188.
- QUIJADA VAN DEN BERGHE, Carmen e SWIGGERS, Pierre. La terminología del pronombre en la gramática española de Nebrija (1492) a Bello (1847): algunos apuntes. *Res Diachronicae Virtual*. 7, 2009, p. 263-292.
- RIDRUEJO ALONSO, Emilio. Notas romances en gramáticas latino-españolas del siglo XV. *Revista de Filología Española*. 59, 1977, p. 47-80.
- RIDRUEJO ALONSO, Emilio. De las *Introductiones latinae* a la *Gramática castellana*?. In: ESCAVY, R.; HERNÁNDEZ TERRÉS, J. M. e ROLDÁN, A. (eds.). *Actas del Congreso Internacional de Historiografía Lingüística*. Nebrija V Centenario. Murcia: Universidad de Murcia, v. I., 1994, p.485-498.
- RIDRUEJO ALONSO, Emilio. La gramática latina y la gramática castellana de Nebrija, juntas y en contraste. In: GÓMEZ ASENCIO, J.J. (dir.). *El castellano y su codificación gramatical*. Burgos: Instituto Castellano y Leonés de la Lengua, v. I de 1492 (A. de Nebrija) a 1611 (John Sanford), 2006, p. 89-115.
- ROLDÁN PÉREZ, Antonio. Las *Introductiones latinae* y la gramática castellana: una propuesta romance de metalenguaje retórico. In: ESCAVY, R. HERNÁNDEZ TERRÉS, J. M., ROLDÁN, A. (eds.). *Actas del Congreso Internacional de Historiografía Lingüística*. Nebrija V Centenario. Murcia: Universidad de Murcia v. I., 1994, p.85-118.
- SCHÄFER-PIRIESS, Barbara. *Die portugiesische Grammatikschreibung von 1540 bis 1822: Entstehungsbedingungen und Kategorisierungsverfahren vor dem Hintergrund der lateinischen, spanischen und französischen Tradition*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2000.
- SECO, Manuel. Prólogo. In: *Gramática sobre la Lengua Castellana*. Madrid: Aguilar, Col. Crisol, 1992, p. 11-68.
- SWIGGERS, Pierre. Terminologie et terminographie linguistiques: problèmes de définition et de calibrage. In : NEVEAU, Franck (ed.). *La Terminologie Linguistique: Problèmes Épistémologiques, Conceptuels et Traditionnels*. Caen: Presses Universitaires, 2006, p. 13-28.
- SWIGGERS, Pierre. Terminología gramatical y lingüística: elementos de análisis historiográfico y metodológico. *Res Diachronicae Virtual*. 7, 2009, p.11-35.
- TOLLIS, Francis. À propos des *cincunloquios* du verbe castillan chez Nebrija: le nombre participial infinitivo. In: TOLLIS, Francis. *La Description du Castillan au XV^e Siècle: Villena et Nebrija. Sept Études d'Historiographie Linguistique*. Paris: L'Harmattan, [1984]1998, p.91-121.

TOLLIS, Francis. Remarques sur l'approche et la présentation des noms dérivés dans la *Gramática* de Nebrija: vers une (re)lecture linguistique". In: TOLLIS, Francis. [1992]1998, p. 217-280.

VALLS TOIMIL, José Luis. *Diccionario de terminología gramatical (1492-1800)*. Salamanca: Universidad de Salamanca, tesis doctoral inédita, 1988.

Recebido em 24 de julho de 2015.

Aceito em 30 de setembro de 2015